



**Guia Ilustrado de
Répteis e Anfíbios da
Área de Influência da
Usina Hidrelétrica
de Emborcação**

*Hans Thomassen
& Caroline F. Ziade*

Guia Ilustrado

Este Guia faz parte dos projetos ambientais desenvolvidos pela Cemig, e sua elaboração foi feita em cumprimento à condicionante da licença ambiental concedida pelo Ibama.

Companhia Energética
de Minas Gerais
Cemig

**Guia Ilustrado de
Répteis e Anfíbios da
Área de Influência da
Usina Hidrelétrica
de Emborcação**

Autores:
Hans Thomassen
Caroline Farah Ziade

Belo Horizonte
2020

Copyright: Companhia Energética de Minas Gerais – Cemig

Diretor-Presidente: Reynaldo Passanezi Filho

Diretor-Adjunto de Estratégia, Meio Ambiente e Inovação: Maurício Dall’Agnese

Gerente de Gestão Ambiental: Rafael Augusto Fiorine

Autores:

Hans Thomassen

Caroline Farah Ziade

Coordenação de Edição:

Caroline Farah Ziade

Míriam Aparecida de Castro

Fotografia:

Bruno Ferreto

Carla da Silva Guimarães

Fernando Leal

Hans Thomassen

Leandro de Oliveira Drummond

Pedro Carvalho Rocha

Rafael Menegucci

Acervo Cemig

iStock

Capa e Projeto Gráfico:

RC Comunicação

Endereço:

Companhia Energética de Minas Gerais – Cemig

Suporte na Av. Barbacena, 1.200 – 12º A2

30190-131 – Belo Horizonte (Minas Gerais) / Brasil

Companhia Energética de Minas Gerais

C737

Guia ilustrado de répteis e anfíbios da área de influência da Usina Hidrelétrica de Emborcação / Autores: Hans Thomassen, Caroline Farah Ziade. – Belo Horizonte: Cemig, 2020.

56p.: il; color. 15x23 cm. (Guias de fauna da UHE Emborcação; 1).

ISBN: 978-65-88694-06-0

1. Répteis. 2. Anfíbios, 3. Ecologia – Ambientes terrestres – Educação. 4. Zoologia geográfica. 5. Usina Hidrelétrica de Emborcação. I. Companhia Energética de Minas Gerais. II. Andrade, Hans Thomassen. III. Caroline Farah Ziade. IV. Título.

CDD 597

CDU 597.6+598.1



Sumário

Prefácio	8
Introdução	10
Entenda as páginas do Guia	16

Anfíbios

Anura	18
Bufonidae	
<i>Rhinella diptycha</i>	19
Craugastoridae	
<i>Barycholos ternetzi</i>	20
Hylidae	
<i>Boana albopunctata</i>	21
<i>Boana lundii</i>	22
<i>Boana raniceps</i>	23
<i>Dendropsophus minutus</i>	24
<i>Scinax fuscovarius</i>	25
<i>Trachycephalus typhonius</i>	26
Leptodactylidae	
<i>Leptodactylus fuscus</i>	27
<i>Leptodactylus labyrinthicus</i>	28
<i>Leptodactylus latrans</i>	29
<i>Leptodactylus mystaceus</i>	30
<i>Leptodactylus mystacinus</i>	31
<i>Leptodactylus syphax</i>	32
<i>Physalaemus centralis</i>	33
<i>Physalaemus cuvieri</i>	34
<i>Physalaemus nattereri</i>	35
Microhylidae	
<i>Elachistocleis cesarii</i>	36
Odontophrynidae	
<i>Odontophrynus cultripes</i>	37
Phyllomedusidae	
<i>Pithecopus azureus</i>	38

Répteis

Squamata	39
Boidae	
<i>Epicrates crassus</i>	40
Viperidae	
<i>Bothrops moojeni</i>	41
<i>Crotalus durissus</i>	42
Gymnophthalmidae	
<i>Colobosaura modesta</i>	43
Mabuyidae	
<i>Notomabuya frenata</i>	44
Teidae	
<i>Ameiva ameiva</i>	45
Referências Bibliográficas	46

The background of the page is a textured, light-colored surface with faint pencil sketches. At the top, there is a detailed sketch of a frog's head and front legs, looking towards the left. Below it, a snake is coiled, with its head and front portion visible, also looking towards the left. The sketches are rendered in a light purple or blue tone, blending into the textured background.

Prefácio

A coletânea de **Guias Ilustrados de Fauna da Usina Hidrelétrica de Emborcação**, criada pela Cemig – **Companhia Energética de Minas Gerais em 2020**, teve como principal objetivo subsidiar ações educativas, conscientizando sobre a importância da preservação do meio ambiente por meio do conhecimento das espécies existentes na região da Usina. Ressalta-se que a motivação para a conservação dessas espécies está muito relacionada ao conhecimento popular, e essas obras visam à aproximação do público leigo ao conhecimento científico.

Essa coletânea se traduz como um importante instrumento de consulta, para a identificação dos grupos de aves, répteis, anfíbios e mamíferos da região da **Usina Hidrelétrica de Emborcação**, podendo ser utilizada por escolas, bibliotecas, prefeituras municipais das cidades afetadas pela **Usina** e, ainda, por órgãos de meio ambiente, universidades e todos aqueles que possam ter interesse.

O empenho da empresa para proteger a fauna iniciou-se com as operações de resgate de animais, quando da implantação de suas usinas hidrelétricas, e perdura até os dias atuais, por meio de projetos desenvolvidos em parceria com universidades federais e por meio de estudos de monitoramento de fauna nas áreas afetadas pelos seus empreendimentos. A empresa se preocupa com a redução dos impactos negativos que seus processos podem gerar e, por isso, sempre visa contribuir para o bem-estar da sociedade.

Essa coletânea é produto do Programa de Monitoramento da Fauna desenvolvido entre os anos de 2014 e 2016 na região, por especialistas, e nos trouxe um entendimento sobre a riqueza de espécies presentes e a importância de preservá-las. Estão incluídos, nessas obras, registros fotográficos das espécies, bem como características gerais que permitem a sua identificação em campo.

Acreditamos que a **Cemig** reconhece a importância da fauna e busca, por meio de suas ações, uma energia que também preserva o meio ambiente.

Rafael Augusto Fiorine
Gerente de Gestão Ambiental

Caroline Farah Ziade
Analista de Meio Ambiente

Márcio Gustavo Dias Guimarães
Gerente de Ativos da Geração Triângulo

Iara de Castro e Oliveira
Engenheira de Meio Ambiente

Introdução

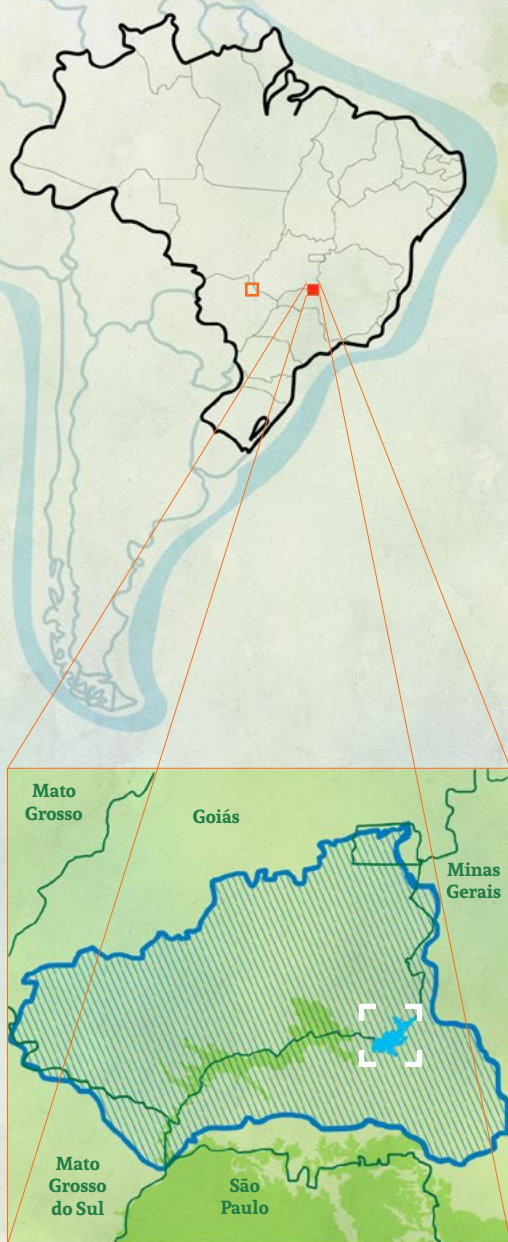
Localização
em contexto
nacional

Histórico

A Usina Hidrelétrica (UHE) de Emborcação, operada pela Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig Geração e Transmissão S.A.) foi construída no período de 1977 a 1981 e entrou em operação em janeiro de 1982. A Usina possui uma capacidade instalada de 1.192 MW.

O reservatório da UHE Emborcação localiza-se na bacia do rio Paranaíba, entre os estados de Minas Gerais e Goiás, abrangendo, no estado mineiro, áreas dos municípios de Araguari, Cascalho Rico, Estrela do Sul, Douradoquara e Abadia dos Dourados. Já no estado goiano, sua extensão abrange os municípios de Três Ranchos, Davinópolis, Ouvidor e Catalão. A área máxima inundada pelo reservatório é de, aproximadamente, 480 km². Segundo o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), o reservatório da UHE Emborcação é capaz de armazenar 10,82% do volume represável pelos reservatórios do sistema Sudeste/Centro-Oeste, o que representa 28,53% do armazenamento de água do subsistema do rio Paranaíba.

Vale ressaltar que o reservatório da UHE Emborcação se encontra sob influência dos biomas Mata Atlântica e Cerrado.



**Localização em
contexto da bacia
hidrográfica / Bioma**



Bacia Hidrográfica
do Rio Paranaíba



Reservatório da
UHE Emborcação

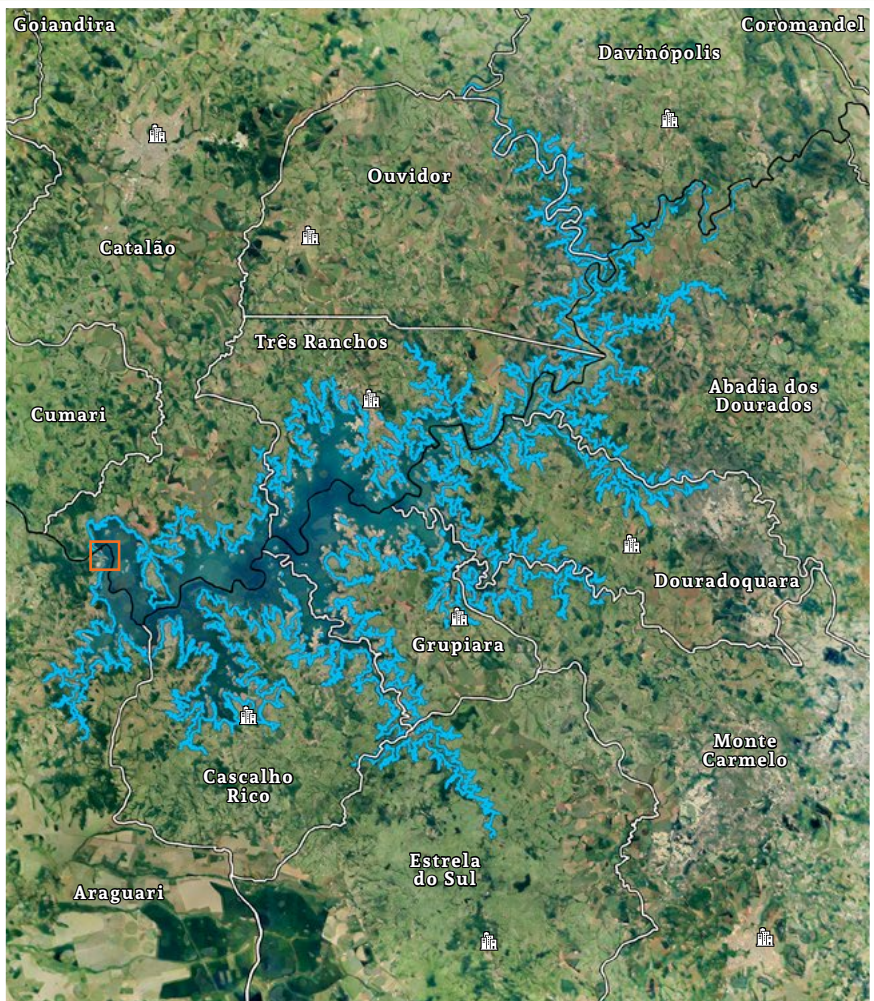
Bioma






■ Cerrado

■ Mata Atlântica



Mapa de localização da UHE Emborcação



-  Barragem
-  Divisa estadual
-  Limite municipal
-  Reserva da UHE Emborcação
-  Sede municipal



Cerrado



Mata Atlântica

Apresentação

Este é um guia que contém as espécies de répteis e anfíbios (herpetofauna) registradas na UHE Emborcação durante dois anos de monitoramento. Esta obra é direcionada ao público que deseja identificar a herpetofauna da região, de forma prática e fácil, pela grande riqueza de informações aqui contidas. Nela, estão presentes as fotos de cada espécie, bem como um curto texto com nome científico, nome popular, características físicas, alimentação, biologia e comportamento social, reprodução, habitat, distribuição geográfica no Brasil, status de conservação e curiosidades.

Biomias

O Cerrado é um bioma que se limita: ao norte, com a Amazônia; a nordeste, com a Caatinga; a leste e a sudeste, com a Mata Atlântica; e a sudoeste, com o Chaco e o Pantanal. É a maior região de savana tropical na América do Sul, com cerca de 1,8 milhão de km². A sua grande diversidade deve-se, entre outros fatores, à sua localização entre diferentes biomas. É considerada a savana tropical mais diversa do mundo, sendo definida como um dos *hotspots* mundiais de biodiversidade. No entanto, atividades antrópicas, como degradação do solo e dos ecossistemas nativos, fragmentação e redução das coberturas florestais, introdução de espécies exóticas (capim-gordura e braquiária), têm causado modificações profundas no Cerrado.

Vegetações típicas do domínio Cerrado ocorrem no entorno do reservatório e apresentam as gradações de *campo limpo*, *campo sujo*, *campo cerrado* e *cerrado propriamente dito* (ou *cerrado típico*). O campo limpo e o campo sujo possuem grande participação dentro da área de entorno dos interflúvios do rio Paranaíba e de quase todos os seus tributários. Os campos cerrados têm ocorrência dispersa e fragmentada no entorno do reservatório, estando associados às altas e às médias vertentes e estendendo-se, por vezes, até os limites do reservatório. Por sua vez, o cerrado típico, onde sobressaem os estratos arbustivo e arbóreo, ocorre de forma fragmentada no entorno do reservatório, estando associado a um relevo mais acidentado e prolongando-se até as zonas mais altas dos interflúvios.

A Mata Atlântica abrange 13% do território brasileiro. É um dos 25 *hotspots* mundiais de biodiversidade. É um bioma muito heterogêneo, associado a várias vegetações, como mangues, formações campestres de altitude, brejos e restingas.

Esse bioma possui variações longitudinais marcantes, bem como amplas zonas climáticas e fitofisionomias tropicais a subtropicais, com elevação em relação ao nível do mar, atingindo até 2.900 metros.

Apesar da sua relevância, atividades antrópicas, como exploração de madeira, lenha, caça, pastos, agricultura e silvicultura, levaram a uma grande perda de habitat do bioma. Hoje, a floresta já perdeu mais de 93% de sua área.



Herpetofauna

A maior riqueza de espécies da herpetofauna se encontra no Brasil. Em relação aos répteis, são conhecidas pelo menos 795 espécies: 753 Squamata (72 anfisbênias, 276 “lagartos” e 405 serpentes), 36 Testudines e 6 Crocodylia. No que concerne aos anfíbios, são conhecidas 1.136 espécies, majoritariamente representadas por anuros, com 1.093 espécies (duas exóticas e invasoras), 20 famílias e 105 gêneros; seguidos por cecilianos, com 38 espécies e 12 gêneros; e por salamandras, com 5 espécies e uma única família e gênero.

A heterogeneidade do Cerrado permite a ocupação de diversas espécies, e a distribuição da herpetofauna na paisagem está altamente associada à variação da vegetação e à sazonalidade pronunciada. Ao contrário de outros vertebrados terrestres do Cerrado, a maior diversidade da herpetofauna está concentrada em formações abertas disponíveis ao longo do bioma. Mesmo considerando anfíbios (organismos extremamente dependentes de ambientes úmidos), a maior riqueza está associada a fitofisionomias abertas. Anuros do Cerrado apresentam especializações evolutivas e ecológicas que garantem seu sucesso reprodutivo em ambientes mais áridos ao longo da paisagem.

Ressalta-se que a Mata Atlântica apresenta uma elevada diversidade de habitat e micro-habitat, o que possibilita uma grande riqueza de herpetofauna e favorece o número de endemismo.

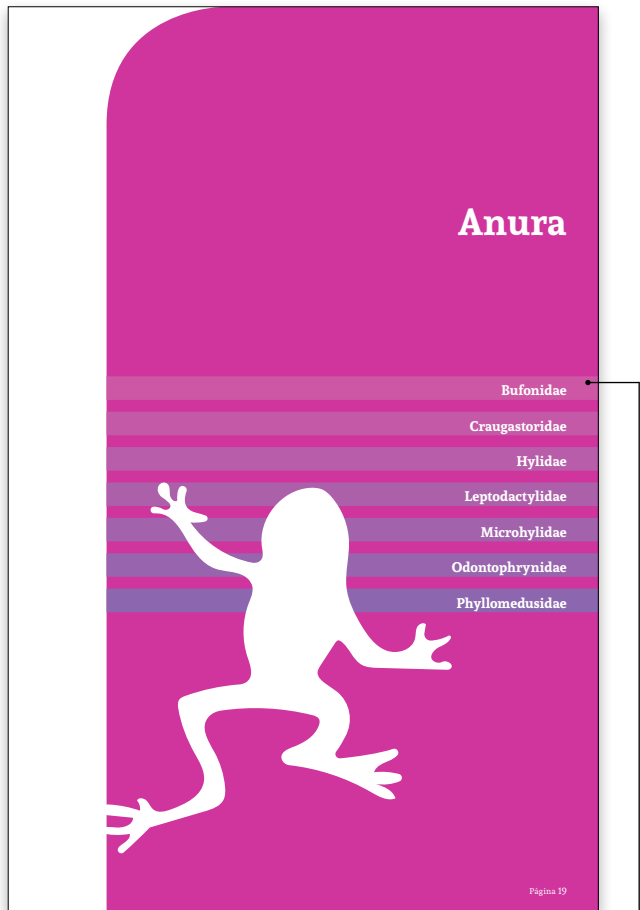
Anfíbios passam por uma fase de vida aquática, com respiração branquial e dieta geralmente herbívora, até se tornarem adultos, com respiração pulmonar e cutânea, com uma dieta geralmente carnívora. São considerados organismos muito interessantes, uma vez que as transformações realizadas ao longo de sua vida não se assemelham a nenhum outro grupo de vertebrados. Além disso, pela dependência da estrutura e qualidade de seus habitat, anfíbios são considerados bons indicadores do estado de conservação de áreas naturais.

Os répteis, por sua vez, ocupam posição ápice na cadeia alimentar e constituem uma posição importante no ambiente. Isso faz com que necessitem de uma oferta de recursos significativa, podendo ser, também, bioindicadores dos níveis de alteração ambiental.

A herpetofauna, em geral, é fortemente afetada por alterações na qualidade de seus habitat, e existem diversos estudos que demonstram declínio de populações e até a extinção de espécies sujeitas a alterações bruscas no ambiente. Alterações ambientais causadas pelo homem podem afetar diretamente comunidades de anfíbios, já que a estrutura das comunidades é altamente condicionada à qualidade dos habitat.

Entenda as páginas do Guia

Páginas de abertura



Infográfico sobre a Classificação apresentada.

Páginas das espécies

Indicação da Ordem e da Família.

Curiosidades e informações pontuais.

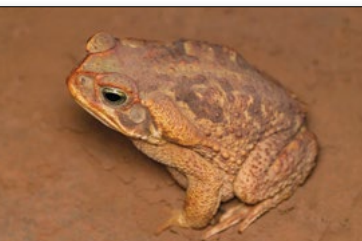
Cabeçalho:
Nome popular.
Nome científico.
Imagem.

Sapo-boi.

Rhinella diptycha
(Cope, 1862).

Ordem.
Anura
Família.
Bufonidae

Possui grandes glândulas de veneno posicionadas logo atrás dos olhos que servem como mecanismo de defesa contra predadores. Quando pressionadas por um predador, essas glândulas liberam uma toxina capaz de causar mal-estar ou até matar o predador. Entretanto, diferentemente do que popularmente se acredita, não há indícios de que a espécie seja capaz de esguichar a toxina voluntariamente; o veneno só é liberado quando as glândulas são pressionadas.



River Icons/Photomax.com

Características físicas. Grande, de aspecto robusto. Pode atingir tamanhos de até 25 centímetros de comprimento. Possui focinho arredondado, e o crânio é coberto por cristas cranianas rígidas. Sua coloração dorsal varia do marrom-avermelhado ao marrom-amarelado, com manchas escuras espalhadas pelo corpo. Os olhos são dourados. Membranas interdigitais ausentes nas mãos e presentes nos pés. A pele é seca e verrucosa. Distingue-se de outras espécies por possuir glândulas de veneno paratoides (atrás dos tímpanos) e glândulas paracnémis (posicionadas nas tíbias), ambas bem desenvolvidas e distintas.

Alimentação. A dieta dos adultos é generalista e consiste, predominantemente, em invertebrados como besouros e formigas.

Biologia e comportamento social. Hábitos terrestres e noturnos. Durante os meses mais secos e frios do ano, pode se enterrar e entrar em estivação (estado de dormência), onde aguarda os meses mais quentes e úmidos para voltar a forragear e reproduzir.

Reprodução. O período reprodutivo ocorre desde o final da estação seca e durante a estação chuvosa do ano. Os machos vocalizam próximo a corpos d'água para atrair as fêmeas. A fêmea deposita seus ovos na água, em cordões gelatinosos, onde o macho os fecunda. Os ovos, que podem numerar até mais de 2 mil em cada oviposição, desenvolvem-se na água em girinos, onde permanecem até iniciarem o processo de metamorfose para se tornarem pequenos sapos.

Habitat. Áreas abertas na Mata Atlântica e no Cerrado. Pode também ser encontrado na Caatinga e nos Chacos. É terrestre. Abriga-se em tocas naturais ou artificiais. É uma espécie tolerante a ambientes degradados.

Conservação. Não se encontra ameaçado de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ampla distribuição. Pode ser encontrado em quase todos os estados brasileiros, do Ceará ao Rio Grande do Sul.

‡ **Predadores.**
Aves, serpentes, mamíferos de pequeno e médio porte e grandes invertebrados.

Anfíbios

Anura

Bufonidae

Craugastoridae

Hylidae

Leptodactylidae

Microhylidae

Odontophrynidae

Phyllomedusidae



Sapo-boi.

Rhinella diptycha
(Cope, 1862).

Ordem.

Anura

Família.

Bufonidae

Possui grandes glândulas de veneno posicionadas logo atrás dos olhos que servem como mecanismo de defesa contra predadores. Quando pressionadas por um predador, essas glândulas liberam uma toxina capaz de causar mal-estar ou até matar o predador. Entretanto, diferentemente do que popularmente se acredita, não há indícios de que a espécie seja capaz de esguichar a toxina voluntariamente; o veneno só é liberado quando as glândulas são pressionadas.



Foto: Hans Thomassen

Características físicas. Grande, de aspecto robusto. Pode atingir tamanhos de até 25 centímetros de comprimento. Possui focinho arredondado, e o crânio é coberto por cristas cranianas rígidas. Sua coloração dorsal varia do marrom-avermelhado ao marrom-amarelado, com manchas escuras espalhadas pelo corpo. Os olhos são dourados. Membranas interdigitais ausentes nas mãos e presentes nos pés. A pele é seca e verrucosa. Distingue-se de outras espécies por possuir glândulas de veneno paratoides (atrás dos tímpanos) e glândulas paracnêmis (posicionadas nas tíbias), ambas bem desenvolvidas e distintas.

Alimentação. A dieta dos adultos é generalista e consiste, predominantemente, em invertebrados como besouros e formigas.

Biologia e comportamento social. Hábitos terrestres e noturnos. Durante os meses mais secos e frios do ano, pode se enterrar e entrar em estivação (estado de dormência), onde aguarda os meses mais quentes e úmidos para voltar a forragear e reproduzir.

Reprodução. O período reprodutivo ocorre desde o final da estação seca e durante a estação chuvosa do ano. Os machos vocalizam próximo a corpos d'água para atrair as fêmeas. A fêmea deposita seus ovos na água, em cordões gelatinosos, onde o macho os fecunda. Os ovos, que podem numerar até mais de 2 mil em cada oviposição, desenvolvem-se na água em girinos, onde permanecem até iniciarem o processo de metamorfose para se tornarem pequenos sapos.

Habitat. Áreas abertas na Mata Atlântica e no Cerrado. Pode também ser encontrado na Caatinga e nos Chacos. É terrestre. Abriga-se em tocas naturais ou artificiais. É uma espécie tolerante a ambientes degradados.

Conservação. Não se encontra ameaçado de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ampla distribuição. Pode ser encontrado em quase todos os estados brasileiros, do Ceará ao Rio Grande do Sul.

‡ Predadores.

Aves, serpentes, mamíferos de pequeno e médio porte e grandes invertebrados.

Rãzinha-do-cerrado.

Barycholos ternetzi
(Miranda-Ribeiro, 1937).

Ordem.

Anura

Família.

Craugastoridae

O cuidado que o pai da rãzinha-do-cerrado tem de tratar dos ovos é uma característica incomum entre os anfíbios, já que a maior parte das espécies apenas coloca os ovos e os deixa "à própria sorte" logo após a fecundação.

‡ **Predadores.**

Aves, serpentes, mamíferos de pequeno porte e grandes invertebrados.



Foto: Hans Thomassen

Características físicas. Pequeno porte. Atinge aproximadamente 2,5 centímetros de comprimento. Possui o focinho "triangular". A coloração dorsal do corpo é marrom, e as pernas são marcadas por barras transversais escuras. Os olhos são dourados, e entre eles geralmente existe uma mancha escura em formato de triângulo. Membranas interdigitais ausentes das mãos e dos pés. As pontas dos dedos possuem forma de "T". Na região dorsolateral do corpo, distinguem-se dobras cutâneas sutis.

Alimentação. A dieta é generalista e consiste, predominantemente, em invertebrados como formigas, besouros, baratas e cupins.

Biologia e comportamento social. Hábitos terrestres e diurnos, o que não é a regra geral para a maioria das espécies de anfíbios, que possuem hábito noturno. É mais ativa durante a estação quente e úmida do ano.

Reprodução. Para atrair a fêmea, o macho vocaliza no folheto úmido, onde, após o amplexo, a fêmea deposita seus ovos diretamente no solo, e o macho os fecunda. Os ovos se desenvolvem fora da água, entre o folheto úmido ou enterrados. O macho possui cuidado parental e cuida dos ovos até que estes eclodam. Os jovens já nascem miniaturas dos adultos, sem passar pelo estágio de girino.

Habitat. De serapilheira, é encontrada em matas de galeria e áreas abertas do Cerrado.

Conservação. Não se encontra ameaçada de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ampla distribuição. Tem registro de ocorrência nos estados de Minas Gerais e Goiás e no Distrito Federal, São Paulo, Mato Grosso, Maranhão e Tocantins.

Perereca-cabrinha.

Boana albopunctata
(Spix, 1824).

Ordem.
Anura
Família.
Hylidae

Seu nome popular é dado devido à similaridade do canto da perereca-cabrinha com o berrar de uma cabra.

‡ **Predadores.**
Aves, serpentes, mamíferos de pequeno e médio porte e grandes invertebrados.



Foto: Hans Thomassen

Características físicas. Esguia e de tamanho moderado. Atinge aproximadamente 6 centímetros de comprimento. Possui focinho “triangular”. A coloração dorsal varia do amarelo-intenso ao marrom. Geralmente possui uma faixa lateral escura, que percorre desde a narina, no canto do focinho, até logo após o tímpano. O dorso do corpo pode ter faixas transversais escuras ou ser totalmente liso. Os olhos são amarelo-alaranjados. As pontas dos dedos são modificadas em discos adesivos. Possui um espinho pré-polico próximo ao primeiro dedo de cada mão. A pele é lisa e úmida. As pintas amarelas presentes nos flancos e na parte interior das coxas e tíbia são uma característica marcante da espécie.

Alimentação. A dieta da espécie adulta é generalista e consiste, predominantemente, em invertebrados como lagartas de borboletas, besouros, grilos e aranhas.

Biologia e comportamento social. Arborícola, de hábitos noturnos. Pode se manter ativa por quase todo o ano, apesar de ter um pico de atividade maior durante os meses quentes e úmidos. Durante os meses frios e secos, é comum se abrigar em locais protegidos e próximos à umidade.

Reprodução. A reprodução ocorre durante todos os meses do ano, porém com um pico de atividade maior nos meses quentes e chuvosos. O macho vocaliza no solo ou empoleirado na vegetação, próximo a ambientes de água lênticos, até atrair uma fêmea. Os ovos da fêmea são depositados na água, onde o macho os fecunda. Os girinos se desenvolvem em ambiente aquático até sofrerem a metamorfose em pequenas pererecas. Os machos desta espécie frequentemente entram em combate e usam seus espinhos pré-policos em brigas pelas fêmeas.

Habitat. Áreas de vegetação aberta no Cerrado, áreas de transição entre Cerrado e Mata Atlântica e áreas abertas na Mata Atlântica. Ficam comumente empoleiradas em arbustos e vegetação baixa ou diretamente no solo, sendo tolerantes a ambientes degradados.

Conservação. Não se encontra ameaçada de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ampla distribuição. Ocorre em toda a região Centro-Oeste, Sudeste, Sul do Brasil e no estado da Bahia, no Nordeste.

Perereca-de-usina.

Boana lundii
(Burmeister, 1856).

Ordem.
Anura
Família.
Hylidae

Sua coloração dorsal lembra cascas de árvores, permitindo que a espécie se camufle entre elas.

‡ **Predadores.**
Aves, serpentes, mamíferos de pequeno e médio porte e grandes invertebrados.



Foto: Hans Thomassen

Características físicas. Robusta, de tamanho moderado a grande. Pode atingir aproximadamente 8 centímetros de comprimento. Possui focinho arredondado. A coloração dorsal do corpo varia do bege-marrom ao verde-escuro e é coberta por manchas irregulares de cor preta ou acinzentada. O flanco e as coxas são marcados por faixas transversais escuras, e o interior das coxas pode variar do bege ao azul. Os olhos são bege-amarelados. As pontas dos dedos são modificadas em discos adesivos. Possui membranas interdigitais nas mãos e nos pés e um espinho pré-polico abaixo do primeiro dedo de cada mão. A pele é úmida e tuberculosa. Uma característica marcante da espécie são os ossos de cor esverdeada, visível através da pele transparente.

Alimentação. A dieta da espécie adulta é generalista e consiste, predominantemente, em invertebrados como insetos e aranhas.

Biologia e comportamento social. Arborícola, de hábitos noturnos. Possui pico de atividade durante os meses quentes e úmidos do ano, quando sai de seu abrigo para reproduzir. Durante os meses frios e secos, é comum se abrigar em locais protegidos e próximo à umidade, dentro da mata.

Reprodução. O período de reprodução ocorre desde as primeiras chuvas, no final da estação seca, e durante toda a estação chuvosa do ano. Os machos vocalizam para atrair as fêmeas, empoleirados na vegetação ou no chão, próximo à água de córregos e riachos em matas de galeria. Eles constroem uma “bacia” na terra ao lado do corpo d’água principal. Quando encontram uma fêmea, depositam e fecundam seus ovos nessas bacias. Os girinos eclodem e iniciam seu desenvolvimento isolados na bacia de água. Quando chove, e o nível da água sobe, as bacias são inundadas, e os girinos saem para o corpo d’água principal, onde terminam seu desenvolvimento. Os machos da espécie frequentemente entram em combate e usam seus espinhos em brigas por território e pelas fêmeas.

Habitat. Matas de galeria no Cerrado, geralmente empoleirada na vegetação, próximo a córregos de fundo arenoso ou pedregoso e brejos.

Conservação. Não se encontra ameaçada de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ocorre no sul do Mato Grosso, em Goiás, no Distrito Federal, em Minas Gerais e São Paulo.

Perereca-do-chaco.

Boana raniceps
(Cope, 1862).

Ordem.
Anura
Família.
Hylidae

‡ **Predadores.**
Aves, serpentes,
mamíferos de
pequeno e médio
porte e grandes
invertebrados.



Foto: Hans Thomassen

Características físicas. Esguia e de tamanho moderado. Atinge aproximadamente 6 centímetros de comprimento. Possui focinho “triangular”. Sua coloração dorsal varia do marrom ao amarelo. Pode apresentar faixas transversais escuras no dorso. Geralmente, possui uma linha lateral escura que sai da ponta do focinho até logo atrás do tímpano. Seu lábio inferior é de cor branca. Faixas transversais escuras estão presentes na parte interna e externa das coxas. Uma linha longitudinal escura pode estar presente ao longo da linha da coluna. Os olhos são amarelo-alaranjados. As pontas dos dedos são modificadas em discos adesivos. A pele é lisa e úmida.

Alimentação. A dieta da espécie adulta é generalista e consiste, predominantemente, em invertebrados como besouros e baratas.

Biologia e comportamento social. Arborícola, de hábitos noturnos. Possui pico de atividade maior durante os meses quentes e úmidos do ano. Durante os meses frios e secos, é comum se abrigar em locais protegidos, próximo à umidade.

Reprodução. O período de reprodução é considerado prolongado e ocorre desde o final da estação seca e durante a estação chuvosa do ano. Os machos vocalizam para atrair as fêmeas, empoleirados em arbustos, capim e outra vegetação no meio e na beira dos brejos e lagoas. Quando encontram a fêmea, os ovos são depositados e fecundados na água. Os girinos se desenvolvem em ambiente aquático até sofrerem a metamorfose em pequenas pererecas.

Habitat. É encontrada em quase todos os biomas brasileiros: Amazônia, Cerrado, Caatinga, Pantanal e, mais recentemente, Mata Atlântica. Está associada a áreas abertas em ambientes úmidos, como pastagens alagadas, brejos e lagoas. É tolerante a ambientes degradados.

Conservação. Não se encontra ameaçada de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ampla distribuição. Ocorre no Distrito Federal e nos estados do Amapá, Amazonas, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima, Paraíba, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Perereca-de-ampulheta.

Dendropsophus minutus
(Peters, 1872).

Ordem.
Anura
Família.
Hylidae

Seu canto é alto e agudo, lembra um pequeno grito. Durante dias quentes e chuvosos, centenas de indivíduos desta espécie podem se concentrar em um só brejo, e seu coro pode ser ouvido de longe.

‡ **Predadores.**
Aves, serpentes, mamíferos de pequeno porte e grandes invertebrados.



Foto: Hans Thomassen

Características físicas. Tamanho pequeno. Atinge aproximadamente 2,5 centímetros de comprimento. Tem focinho arredondado. A coloração do corpo varia do amarelo ao laranja. A região dorsal do corpo pode ser completamente imaculada ou possuir marcações escuras que em muitos casos assumem o formato de uma “ampulheta”. Já a coloração interna das coxas é amarelo-alaranjada e sem nenhuma marcação. Os olhos são dourados. As pontas dos dedos são modificadas em discos adesivos, e as membranas interdigitais estão presentes nas mãos e nos pés. A pele é lisa e úmida.

Alimentação. A dieta da espécie adulta é generalista e consiste, predominantemente, em invertebrados pequenos, como mosquitos e aranhas.

Biologia e comportamento social. Arborícola, de hábitos noturnos. Pode se manter ativa por quase todo o ano e tem seu pico de atividade maior durante os meses quentes e úmidos. Durante os meses frios e secos, é comum se abrigar em locais protegidos, próximo à umidade.

Reprodução. A reprodução ocorre durante todos os meses do ano, porém com um pico de atividade maior nos meses chuvosos. Os machos vocalizam para atrair as fêmeas, empoleirados na vegetação. Quando encontram a fêmea, depositam e fecundam seus ovos diretamente na água. Os girinos se desenvolvem em ambiente aquático até sofrerem a metamorfose em pequenas pererecas.

Habitat. Áreas abertas, próximo de corpos d’água lênticos, como brejos, lagoas e poças naturais ou artificiais. Encontrada em todos os biomas brasileiros. É tolerante a ambientes degradados.

Conservação. Não se encontra ameaçada de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ampla distribuição, presente em todos os estados brasileiros.

Perereca-de-banheiro.

Scinax fuscovarius
(Lutz, 1925).

Ordem.

Anura

Família.

Hylidae

O nome popular é devido ao fato de ser comumente encontrada dentro de banheiros de sítios e casas em cidades do interior, especialmente nos períodos mais secos do ano, quando procura a umidade dos banheiros para se abrigar.

‡ Predadores.

Aves, serpentes, mamíferos de pequeno e médio porte e grandes invertebrados.



Foto: Hans Thomassen

Características físicas. Tamanho pequeno a moderado. Pode atingir aproximadamente 4,5 centímetros de comprimento. O corpo é achatado, e o focinho é longo e arredondado. A coloração dorsal do corpo varia de acinzentado, amarelo, verde-escuro a marrom. Tem pequenas manchas escuras espalhadas por todo o corpo. Barras transversais escuras na coxa estão presentes ou ausentes. Os flancos e as partes escondidas da coxa são de coloração amarela, entremeada por manchas pretas largas. Os machos possuem o ventre amarelo-intenso, e as fêmeas, o ventre bege ou amarelo-pálido. Os olhos são dourados, com uma faixa transversal preta. As pontas dos dedos são modificadas em discos adesivos. Membranas interdigitais estão ausentes ou reduzidas nas mãos e presentes nos pés. A pele é úmida com poucos tubérculos espalhados pelo dorso.

Alimentação. A dieta da espécie adulta é generalista e consiste, predominantemente, em invertebrados como besouros e aranhas.

Biologia e comportamento social. Arborícola, de hábitos noturnos. Encontrada em dias chuvosos durante os meses quentes e úmidos do ano. Durante os meses frios e secos, é comum se abrigar em locais protegidos, próximo à umidade.

Reprodução. A reprodução ocorre principalmente em dias de chuva, durante a estação quente e chuvosa do ano. Os machos vocalizam debaixo de chuvas para atrair as fêmeas, no chão ou empoleirados na vegetação, no meio e na beira dos brejos e lagoas. Quando encontram a fêmea, os ovos são depositados e fecundados na água. Os girinos se desenvolvem em ambiente aquático até sofrerem a metamorfose em pequenas pererecas.

Habitat. É encontrada nos biomas Caatinga, Cerrado, Pantanal e Mata Atlântica. Ocupa as margens de brejos, lagoas, córregos e outros ambientes de água lântica em áreas de campo aberto, pastagens, áreas urbanas e periurbanas, sendo tolerante a ambientes degradados.

Conservação. Não se encontra ameaçada de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ampla distribuição. Ocorre nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil.

Perereca-grudenta.

Trachycephalus typhonius
(Linnaeus, 1758).

Ordem.
Anura
Família.
Hylidae

Tem capacidade de planar no ar ao pular com as pernas abertas em um movimento deslizante entre as árvores. A espécie também produz secreções pegajosas quando se sente ameaçada, as quais podem causar irritação, inchaço, dor e até cegueira temporária, se forem esfregadas nos olhos.

‡ **Predadores.**
Aves, serpentes, mamíferos de pequeno e médio porte e grandes invertebrados.



Foto: Pedro Carnalho Rocha

Características físicas. Robusta, de tamanho moderado a grande. Atinge aproximadamente 10 centímetros de comprimento. Possui o focinho arredondado. A coloração dorsal do corpo é muito variável: pode assumir tons de bege, marrom e verde-escuro. O dorso pode ser imaculado ou coberto por desenhos irregulares de cor marrom-escuro ou bege, os quais podem ou não ser delimitados por uma linha de cor mais escura. Os olhos são dourados ou amarelos com manchas pretas irregulares que frequentemente dão um aspecto do símbolo positivo (+). As pontas dos dedos são modificadas em discos adesivos. Membranas interdigitais estão presentes nas mãos e nos pés. A pele é úmida e pode ser lisa ou tuberculosa. Os ossos são verdes, característica visível através de partes da pele transparente. Uma característica marcante da espécie são os sacos vocais laterais, localizados atrás dos ângulos da mandíbula em machos adultos.

Alimentação. A dieta da espécie adulta é generalista e consiste predominantemente em invertebrados como aranhas e insetos. Entretanto, há registros da espécie se alimentando de outros vertebrados, como anuros e até mesmo um morcego.

Biologia e comportamento social. Arborícola, de hábitos noturnos. Possui pico de atividade durante os meses quentes e úmidos do ano, quando sai de seu abrigo para reproduzir. Durante a estação seca e fria, abriga-se em locais úmidos, como bromélias, buracos de árvores, bainhas de banana, entre outros.

Reprodução. O período de reprodução é curto e concentra-se em dias de chuvas fortes que ocorrem no início da estação chuvosa. Possui reprodução explosiva, o que significa que o evento reprodutivo ocorre com alta densidade de indivíduos durante um período curto de tempo, algumas vezes em apenas uma noite no ano. Os machos vocalizam para atrair as fêmeas enquanto flutuam na água, e o canto lembra um resmungo grave e alto. Quando encontram a fêmea, depositam e fecundam seus ovos diretamente na água. Os girinos se desenvolvem em ambiente aquático até sofrerem a metamorfose em pequenas pererecas.

Habitat. Está associada a ambientes florestais na Amazônia, no Cerrado e na Mata Atlântica. É encontrada em brejos e lagoas permanentes ou temporárias na floresta ou próximo a ela. É tolerante a ambientes degradados.

Conservação. Não se encontra ameaçada de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ampla distribuição. É encontrada do Paraná ao Rio Grande do Sul.

Rã-assovio.

Leptodactylus fuscus
(Schneider, 1799).

Ordem.

Anura

Família.

Leptodactylidae

O assovio da espécie se passa facilmente por um assovio de um ser humano. Existem relatos de que, em expedições de campo, pessoas tenham confundido quando ouviram seu assovio e pensado haver “alguém” por perto.

‡ Predadores.

Aves, serpentes, mamíferos de pequeno e médio porte e grandes invertebrados.



Foto: Hans Thomassen

Características físicas. Aspecto robusto, capaz de atingir aproximadamente 5,5 centímetros de comprimento. Possui o focinho triangular com a ponta em formato de “espátula”. A coloração dorsal do corpo varia entre cinza, marrom-claro, marrom-escuro e verde-escuro. O dorso é coberto com pequenas manchas escuras espalhadas irregularmente. Linhas longitudinais, geralmente de coloração mais clara que o dorso, estendem-se da cabeça ao final do corpo. Uma linha longitudinal central grossa, de coloração bege, pode estar presente ou ausente e se estende da ponta do focinho ao final do corpo. O lábio superior geralmente possui coloração branca. Barras transversais escuras estão presentes no dorso das pernas e dos braços. Os olhos são dourados. Dedos sem discos adesivos desenvolvidos. Membranas interdigitais estão ausentes nas mãos e nos pés. A pele é lisa e úmida, com linhas de glândulas longitudinais dorsais contínuas e dorsolaterais interrompidas ao longo do corpo.

Alimentação. A dieta da espécie adulta é generalista e consiste, predominantemente, em pequenos invertebrados.

Biologia e comportamento social. Hábitos terrestres e noturnos. Durante os meses mais secos e frios do ano, abriga-se em locais úmidos, como buracos e debaixo de troncos, onde aguarda os meses mais quentes e úmidos para voltar a reproduzir.

Reprodução. O período de reprodução ocorre durante toda a estação chuvosa do ano. Os machos vocalizam para atrair as fêmeas dentro ou próximo da água de brejos e lagoas, permanentes e temporárias. Para reproduzir, os machos constroem uma “toca” na terra, ao lado do corpo d’água principal. Quando encontram a fêmea, esta deposita seus ovos na toca. A fecundação dos ovos ocorre dentro da toca, em um ninho de espuma onde os girinos eclodem e iniciam seu desenvolvimento isolados na bacia de água. Quando chove, e o nível da água sobe, as bacias são inundadas, e os girinos saem para o corpo d’água principal, onde terminam seu desenvolvimento.

Habitat. Principalmente áreas abertas, perto de áreas alagadas. Ocorre em todos os biomas brasileiros.

Conservação. Não se encontra ameaçada de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ampla distribuição. É encontrada em todos os estados brasileiros.

Rã-pimenta.

Leptodactylus labyrinthicus
(Spix, 1824).

Ordem.

Anura

Família.

Leptodactylidae

Seu nome popular deve-se ao fato de que, se alguém manuseá-la e tiver alguma ferida nas mãos ou esfregar os olhos, a secreção da rã causará ardor forte no local, como pimenta. Normalmente, após uma lavagem e um período de espera, o ardor passa sem maiores problemas.

‡ Predadores.

Aves, serpentes e grandes invertebrados.



Foto: Hans Thomassen

Características físicas. Grande e de aspecto robusto. Atinge aproximadamente 18 centímetros de comprimento. Possui o focinho arredondado. A coloração dorsal do corpo varia entre cinza, marrom-claro e marrom-escuro, com pequenas manchas escuras espalhadas pelo corpo. Barras transversais escuras estão presentes nas coxas, e barras verticais escuras, nos lábios. Uma linha escura segue da narina até atrás do tímpano. As coxas e o flanco são vermelho-alaranjados. Olhos dourados. Dedos sem discos adesivos desenvolvidos. Membranas interdigitais estão ausentes das mãos e dos pés. Os machos possuem um espinho abaixo do primeiro dedo de cada mão e espinhos no peito. A pele é lisa e úmida, com linhas de glândulas longitudinais contínuas e interrompidas ao longo do corpo.

Alimentação. A dieta da espécie adulta é generalista. Sabe-se que come invertebrados, anfíbios, lagartos, cobras e roedores.

Biologia e comportamento social. Hábitos terrestres e noturnos. Durante os meses mais secos e frios do ano, abriga-se em locais úmidos, como buracos e debaixo de troncos, onde aguarda os meses mais quentes e úmidos para voltar a reproduzir.

Reprodução. O período de reprodução é considerado prolongado e ocorre na estação seca e durante a estação chuvosa do ano, sendo o pico de atividade durante os meses chuvosos. Os machos vocalizam para atrair as fêmeas dentro ou próximo da água de brejos e lagoas, permanentes e temporárias. Para reproduzir, os machos constroem uma "bacia" na terra, ao lado do corpo d'água principal. Quando encontram a fêmea, esta deposita seus ovos na bacia. A fecundação dos ovos ocorre dentro da bacia, em um ninho de espuma, onde os girinos eclodem e iniciam seu desenvolvimento isolados na bacia de água. Quando chove, e o nível da água sobe, as bacias são inundadas, e os girinos saem para o corpo d'água principal, onde terminam seu desenvolvimento.

Habitat. Principalmente áreas abertas, perto de áreas alagadas. É encontrada nos biomas Cerrado e Caatinga e em áreas abertas na Amazônia e na Mata Atlântica.

Conservação. Não se encontra ameaçada de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ocorre desde o sul da Amazônia até o Sudeste e Sul do Brasil. Tem registros nos estados do Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Piauí, Rio Grande do Sul, Rondônia, São Paulo, Tocantins e Maranhão. A floresta amazônica e o rio Amazonas são aparentemente barreiras à dispersão natural da espécie.

Rã-manteiga.

Leptodactylus latrans
(Steffen, 1815).

Ordem.

Anura

Família.

Leptodactylidae

A espécie possui cuidado parental. Acredita-se que, mesmo após a eclosão dos ovos, pode acompanhar o desenvolvimento dos girinos durante os estágios iniciais.

‡ Predadores.

Aves, serpentes e grandes invertebrados.



Foto: Hans Thomassen

Características físicas. Robusta, de tamanho moderado a grande. Atinge aproximadamente 11 centímetros. Tem o focinho arredondado. A coloração dorsal do corpo é variável e pode assumir tons de bege, marrom e verde-escuro. O dorso pode ser completamente coberto por ocelos escuros ou ter apenas alguns ocelos presentes. Uma característica da espécie é a mancha escura de formato “triangular” que se estende de um olho ao outro. Os olhos são dourados. Dedos sem discos adesivos desenvolvidos. Membranas interdigitais estão ausentes das mãos e dos pés. Os machos têm um espinho abaixo do primeiro dedo de cada mão. A pele é lisa e úmida, com linhas de glândulas longitudinais contínuas e interrompidas ao longo do corpo.

Alimentação. A dieta dos adultos é generalista. Sabe-se que come invertebrados, anfíbios, lagartos, cobras, crustáceos, entre outros.

Biologia e comportamento social. Hábitos terrestres e noturnos. Durante os meses mais secos e frios do ano, abriga-se em locais úmidos, como buracos e debaixo de troncos, onde aguarda os meses mais quentes e úmidos para voltar a reproduzir.

Reprodução. O período de reprodução é considerado prolongado e ocorre em dias de chuva desde o final da estação seca e durante toda a estação chuvosa do ano. O pico de atividade ocorre durante os meses quentes e úmidos. Os machos vocalizam para atrair as fêmeas dentro da água, geralmente escondidos na vegetação. Quando encontram a fêmea, os ovos são depositados em um ninho de espuma, que flutua acima da água. Os girinos se desenvolvem em ambiente aquático até sofrerem a metamorfose em pequenas rãs.

Habitat. Brejos, lagoas, campos alagados, poças temporárias em campo aberto, pastagens, florestas tropicais, ambientes urbanos e periurbanos, nos biomas Cerrado, Caatinga, Pantanal e Mata Atlântica. É tolerante a ambientes degradados.

Conservação. Não se encontra ameaçada de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ampla distribuição. Pode ser encontrada nas regiões Centro-Oeste, Sudeste, Nordeste e Sul.

Rã.

Leptodactylus mystaceus
(Spix, 1824).

Ordem.

Anura

Família.

Leptodactylidae

Acredita-se que o ninho de espumas onde as fêmeas desta família depositam seus ovos ajuda a proteger os girinos de predadores e dissecação.

‡ Predadores.

Aves, serpentes, mamíferos de pequeno e médio porte e grandes invertebrados.



Foto: Hans Thomassen

Características físicas. Robusta, de tamanho moderado a pequeno. Atinge aproximadamente 5,5 centímetros de comprimento. Possui focinho triangular com a ponta em formato de “espátula”. A coloração dorsal do corpo varia entre o acinzentado, o marrom-avermelhado e o marrom-café. O dorso pode ser imaculado ou ter manchas escuras de diferentes tamanhos e formas. Tem uma faixa escura que percorre desde a narina, no canto do focinho, até após os tímpanos. Uma mancha “triangular” geralmente está presente entre os olhos. Os lábios são brancos. Os flancos variam de amarelo-pálido a amarelo-intenso. Barras transversais escuras estão presentes no dorso das pernas. Os olhos são dourados. Os dedos não têm discos adesivos desenvolvidos, e as membranas interdigitais estão ausentes das mãos e dos pés. A pele é lisa e úmida, com uma linha glandular dorsolateral contínua e uma lateral interrompida de cada lado do corpo.

Alimentação. A dieta da espécie adulta é generalista e consiste, predominantemente, em invertebrados como tesourinhas, baratas, besouros e aranhas.

Biologia e comportamento social. Hábitos terrestres e noturnos. Durante os meses mais secos e frios do ano, abriga-se em locais úmidos, como buracos e debaixo de troncos, onde aguarda os meses mais quentes e úmidos para voltar a reproduzir. É tolerante a ambientes degradados.

Reprodução. O período de reprodução ocorre durante a estação chuvosa do ano. Após fortes chuvas, os machos vocalizam de buracos no chão ou sob troncos, raízes, folhas e pequenos arbustos na margem de poças. A espécie também constrói galerias subterrâneas, com múltiplas conexões, de onde vocalizam. O casal em amplexo produz um ninho de espuma dentro da toca, próximo à água. Os girinos eclodem e iniciam seu desenvolvimento isolados na toca. Quando chove, e o nível da água sobe, as tocas são inundadas, e os girinos saem para o corpo d’água principal, onde terminam seu desenvolvimento.

Habitat. Brejos ou próximo a ambientes úmidos, em florestas secundárias, campos abertos, pastagens, bordas de floresta e, menos frequentemente, em florestas primárias. Ocorre no Cerrado, na Caatinga, no Pantanal e em áreas abertas da Amazônia e da Mata Atlântica.

Conservação. Não se encontra ameaçada de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ampla distribuição. É encontrada nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste, e no Paraná, na região Sul.

Rã-de-bigode.

Leptodactylus mystacinus
(Burmeister, 1861).

Ordem.

Anura

Família.

Leptodactylidae

Seu nome científico é derivado do grego *mystax*, que significa “lábio superior” ou “bigode”, referindo-se à faixa clara que a espécie tem acima dos lábios.

‡ Predadores.

Aves, serpentes, mamíferos de pequeno e médio porte e grandes invertebrados.



Foto: Hans Thomassen

Características físicas. Robusta, de tamanho moderado a pequeno. Atinge aproximadamente 6 centímetros de comprimento. Possui focinho triangular com a ponta em formato de “espátula”. A coloração dorsal do corpo varia do cinza, amarelo-pálido ao castanho e marrom-avermelhado. O dorso pode ser imaculado ou coberto por pintas pretas. Uma linha preta dorsolateral se estende dos olhos à região inguinal. Possui uma faixa escura que percorre desde a narina, no canto do focinho, até após os tímpanos. Os lábios são brancos. Barras transversais escuras estão presentes no dorso das pernas. Os olhos são dourados. Os dedos não têm discos adesivos desenvolvidos, e as membranas interdigitais estão ausentes nas mãos e nos pés. A pele é lisa e úmida, com uma linha glandular dorsolateral contínua e glândulas laterais interrompidas de cada lado do corpo.

Alimentação. A dieta da espécie adulta é generalista e consiste, predominantemente, em invertebrados como besouros, grilos e larvas de insetos.

Biologia e comportamento social. Hábitos terrestres e noturnos. Durante os meses mais secos e frios do ano, abriga-se em locais úmidos, como buracos e debaixo de troncos, onde aguarda os meses mais quentes e úmidos para voltar a reproduzir.

Reprodução. O período de reprodução ocorre durante toda a estação chuvosa do ano. Após chuvas fortes, os machos vocalizam de buracos no chão ou sob troncos, raízes, folhas e pequenos arbustos, na margem de brejos e poças, para atrair as fêmeas. A espécie também constrói galerias subterrâneas, com múltiplas conexões, de onde vocalizam. O casal em amplexo produz um ninho de espuma dentro da toca, próximo à água. Os girinos eclodem e iniciam seu desenvolvimento isolados na toca. Quando chove, e o nível da água sobe, as bacias são inundadas, e os girinos saem para o corpo d’água principal, onde terminam seu desenvolvimento.

Habitat. Brejos ou próximo a ambientes úmidos, em florestas secundárias, campos abertos, pastagens, bordas de floresta e, menos frequentemente, em florestas primárias. Ocorre no Cerrado, na Caatinga, nos Pampas e em áreas abertas na Mata Atlântica. É tolerante a ambientes degradados.

Conservação. Não se encontra ameaçada de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ampla distribuição. Ocorre nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

Rã-das-pedras.

*Leptodactylus
syphax*
Bokermann, 1969.

Ordem.

Anura

Família.

Leptodactylidae

O nome *syphax* vem do grego e significa “vinho novo e doce”. É uma alusão à cor vermelha brilhante na barriga e nas superfícies ventrais das coxas e canelas que ocorre em alguns indivíduos.

‡ Predadores.

Aves, serpentes, mamíferos de pequeno e médio porte e grandes invertebrados.



Foto: Fernando Leal

Características físicas. Robusta, de tamanho moderado a grande. Atinge aproximadamente 9 centímetros de comprimento. Possui focinho arredondado. A coloração dorsal do corpo varia do acinzentado ao marrom-avermelhado. O dorso é coberto por ocelos e manchas irregulares, de coloração acinzentada. Barras verticais escuras estão presentes no lábio superior. Os olhos são dourado-alaranjados. Dedos sem discos adesivos desenvolvidos. Membranas interdigitais estão ausentes nas mãos e nos pés. Os machos possuem um espinho pré-políco abaixo do primeiro dedo de cada mão e espinhos no peito. A pele é tuberculosa e úmida. Não possui linhas glandulares longitudinais.

Biologia e comportamento social. Hábitos terrestres e noturnos. Durante os meses mais secos e frios do ano, abriga-se em locais úmidos, como buracos nas rochas e cupinzeiros, onde aguarda os meses mais quentes e úmidos para voltar a reproduzir.

Reprodução. O período de reprodução inicia com as primeiras chuvas, no final da estação seca, e continua durante o início da estação chuvosa. Os machos cantam para atrair as fêmeas expostas no chão ou em fendas rochosas, próximos a riachos e córregos. Na estação chuvosa, esses riachos frequentemente produzem poças rasas de água estagnada. A postura de ovos é feita em ninho de espuma, geralmente em local sombreado, debaixo de vegetação, oculto sob serapilheira ou em fendas rochosas. Os girinos eclodem e iniciam seu desenvolvimento no ninho de espuma e terminam o desenvolvimento no ambiente aquático até sofrerem a metamorfose em pequenas rãs.

Habitat. Principalmente em regiões mais secas, próximo a riachos, poças e brejos temporários ou permanentes, associados a afloramentos rochosos. Ocorre nos biomas Cerrado e Caatinga.

Conservação. Não se encontra ameaçada de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. É encontrada nas regiões Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste, nos estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Piauí, São Paulo e Minas Gerais.

Rã-fantasma.

Physalaemus centralis

Bokermann, 1962.

Ordem.

Anura

Família.

Leptodactylidae

Seu canto lembra um bebê chorando, o que muitas vezes é associado a assombrações em meio à mata.

‡ Predadores.

Aves, serpentes, mamíferos de pequeno porte e grandes invertebrados.



Foto: Hans Thomassen

Características físicas. Robusta e de tamanho pequeno. Atinge aproximadamente 3,5 centímetros de comprimento. Possui focinho arredondado. A coloração dorsal do corpo varia entre o cinza, o bege e o marrom-amarelado. O padrão de cor do dorso varia muito; pode apresentar faixas escuras longitudinais de largura variável. Nos tubérculos da pele, encontram-se associados pontos pretos de disposição e tamanho também variáveis. Tem listras ou manchas de forma e largura irregulares, que tendem a formar uma marca em ômega (Ω) ou mesmo padrões indefinidos. No final do dorso, há dois ocelos negros que indicam o local da glândula sacral. Geralmente, possui uma faixa lateral escura que se inicia no focinho e segue até a região dos flancos, a qual pode estar menos ou mais marcada. Barras transversais escuras nas pernas e barras verticais escuras nos lábios estão presentes. Os olhos são dourados. Dedos não possuem discos adesivos desenvolvidos. Membranas interdigitais estão ausentes nas mãos e nos pés. A pele é úmida, coberta por tubérculos ou lisa.

Alimentação. A dieta da espécie adulta constitui-se, predominantemente, de invertebrados como cupins e formigas.

Biologia e comportamento social. Hábitos terrestres e noturnos. Durante os meses mais secos e frios do ano, abriga-se em locais úmidos, como buracos e debaixo de troncos, onde aguarda os meses mais quentes e úmidos para voltar a reproduzir.

Reprodução. O período de reprodução se inicia com as primeiras chuvas, no final da estação seca, e continua durante o início da estação chuvosa. Os machos cantam para atrair as fêmeas no chão ou em pequenas poças de água, próximo a brejos e lagoas. A postura de ovos é feita em ninho de espuma, dentro das poças ou na água, próximo à vegetação. Os girinos eclodem e iniciam seu desenvolvimento no ninho de espuma e terminam o desenvolvimento no ambiente aquático, até sofrerem a metamorfose em pequenas rãs.

Habitat. Está associada a formações abertas nos biomas Cerrado, Chaco, Caatinga e Pantanal. Geralmente, é encontrada em campos abertos, pastagens, veredas, lagoas artificiais ou naturais, permanentes e temporárias. É tolerante a ambientes degradados.

Conservação. Não se encontra ameaçada de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ampla distribuição. Pode ser encontrada no Mato Grosso, Goiás, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Tocantins, até as fronteiras do Maranhão e o sul do Piauí.

Rã-cachorro.

*Physalaemus
cuvieri*
Fitzinger, 1826.

Ordem.

Anura

Família.

Leptodactylidae

Seu canto lembra um cachorro latindo; por isso, o nome popular "rã-cachorro".

‡ Predadores.

Aves, serpentes, mamíferos de pequeno porte e grandes invertebrados.



Foto: Hans Thomassen

Características físicas. Robusta, de tamanho pequeno. Atinge aproximadamente 3 centímetros de comprimento. Possui focinho arredondado. Os tímpanos não são visíveis. A coloração dorsal do corpo é muito variável, entre cinza, bege, marrom-amarelado ou até verde-musgo. O padrão de cor do dorso varia em mosaicos de diferentes tamanhos e formas. Na lateral, faixas irregulares escuras longitudinais de largura variável costumam estar presentes. No final do dorso, há dois ocelos negros que indicam o local da glândula sacral. Geralmente, possui uma faixa lateral escura que se inicia no focinho e segue até a região dos flancos, a qual pode estar menos ou mais marcada. Barras transversais escuras nas pernas e barras verticais escuras nos lábios estão presentes. Geralmente possuem uma mancha alaranjada na região dos flancos. Os olhos são dourados. Dedos sem discos adesivos desenvolvidos. Membranas interdigitais estão ausentes nas mãos e nos pés. A pele é úmida, coberta por tubérculos ou lisa.

Alimentação. A dieta da espécie adulta constitui-se, predominantemente, de invertebrados como mosquitos, cupins e formigas.

Biologia e comportamento social. Hábitos terrestres e noturnos. Durante os meses mais secos e frios do ano, abriga-se em locais úmidos, como buracos e debaixo de troncos, onde aguarda os meses mais quentes e úmidos para voltar a reproduzir.

Reprodução. O período de reprodução se inicia com as primeiras chuvas, no final da estação seca, e continua durante o início da estação chuvosa. Os machos cantam para atrair as fêmeas no chão ou em pequenas poças de água, próximo a brejos e lagoas. A postura de ovos é feita em ninho de espuma, dentro das poças ou na água, próximo à vegetação. Os girinos eclodem e iniciam seu desenvolvimento no ninho de espuma e terminam o desenvolvimento no ambiente aquático, até sofrerem a metamorfose em pequenas rãs.

Habitat. Está associada a formações abertas nos biomas Cerrado, Chaco, Caatinga e Pantanal. Geralmente, é encontrada em campos abertos, pastagens, veredas, lagoas artificiais ou naturais, permanentes e temporárias. É tolerante a ambientes degradados.

Conservação. Não se encontra ameaçada de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ampla distribuição. Pode ser encontrada em quase todo o território brasileiro.

Rã-quatro-olhos.

Physalaemus nattereri
(Steindachner, 1863).

Ordem.

Anura

Família.

Leptodactylidae

Quando ameaçada, a espécie tende a se virar de costas, inflar o corpo e levantar os ocelos sacrais para aparentar ser maior e ter “olhos grandes”. É uma tentativa de inibir potenciais predadores. Por isso, seu nome popular, “rã-quatro-olhos”.

‡ Predadores.

Aves, serpentes, mamíferos de pequeno porte e grandes invertebrados.



Foto: Fernando Leal

Características físicas. Robusta, de tamanho moderado. Atinge aproximadamente 5 centímetros de comprimento. Possui o focinho arredondado. A coloração dorsal do corpo varia do bege-amarelado ao castanho. O dorso é coberto por manchas escuras que dão à espécie um padrão marmorado. Barras transversais escuras estão presentes nas pernas. As coxas são avermelhadas. Os flancos e as partes escondidas das coxas são brancos ou azulados, cobertos por pequenas manchas pretas. Dois grandes ocelos sacrais pretos estão presentes na região dorsolateral posterior, entre as pernas. Os olhos são amarelo-alaranjados. As pontas dos dedos não são modificadas em discos adesivos. Membranas interdigitais estão ausentes nas mãos e nos pés. Possui um tubérculo em forma de pá nos pés. A pele é lisa e úmida. Não possui linhas glandulares longitudinais.

Alimentação. A dieta da espécie adulta consiste, predominantemente, em invertebrados como cupins e formigas.

Biologia e comportamento social. Hábitos terrestres e noturnos. Durante os meses mais secos e frios do ano, abriga-se em locais úmidos, como buracos e debaixo de troncos, onde aguarda os meses mais quentes e úmidos para voltar a reproduzir.

Reprodução. O período de reprodução se inicia com as primeiras chuvas e ocorre durante os primeiros meses da estação chuvosa. A reprodução geralmente é explosiva. Em períodos de chuvas fortes, os machos cantam em coro para atrair as fêmeas, parados na beira de brejos e poças ou buscando por fêmeas ativamente enquanto cantam. A postura de ovos é feita em ninho de espuma, geralmente depositados próximo à vegetação, na beira do brejo, em pequenas pocinhas.

Habitat. Formações abertas no Cerrado e no Chaco. Geralmente, é encontrada em pastagens, campos abertos, brejos e lagoas rasas, permanentes e temporárias. É tolerante a ambientes degradados.

Conservação. Não se encontra ameaçada de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ampla distribuição nas regiões Centro-Oeste e Sudeste.

Rã-coxinha.

Elachistocleis cesarii
(Miranda-Ribeiro, 1920).

Ordem.

Anura

Família.

Microhylidae

‡ Predadores.

Aves, serpentes, mamíferos de pequeno porte e grandes invertebrados.



Foto: Hans Thomassen

Características físicas. Robusta, de tamanho pequeno. Atinge aproximadamente 3 centímetros de comprimento. Seu corpo tem um formato distintamente ovoide. A cabeça é bem pequena, e o focinho é “triangular”. Uma prega dérmica transversal situa-se atrás da cabeça. Sua coloração geral varia de cinza-claro a quase preto. O padrão de coloração dorsal pode ser reticulado ou sem manchas. Uma linha vertebral clara pode estar presente e percorrer da cabeça até a região posterior do corpo. O ventre pode ser completamente amarelo ou manchado de amarelo com fundo acinzentado, e os flancos também são manchados de amarelo. Os olhos são cinza. As pernas são distintamente curtas. Dedos sem discos adesivos desenvolvidos. Membranas interdigitais estão ausentes nas mãos e nos pés. A pele é lisa e úmida.

Alimentação. A dieta da espécie adulta constitui-se, predominantemente, de invertebrados como cupins e formigas.

Biologia e comportamento social. Hábitos terrestres e noturnos. Durante os meses mais secos e frios do ano, abriga-se em locais úmidos, como buracos e debaixo de troncos, onde aguarda os meses mais quentes e úmidos para voltar a reproduzir.

Reprodução. O período de reprodução inicia com as primeiras chuvas e ocorre durante os primeiros meses da estação chuvosa. A reprodução geralmente é explosiva. Em períodos de chuvas fortes, os machos cantam em coro para atrair a fêmea, geralmente na água. A postura de ovos é feita na água em uma película gelatinosa flutuante. Os girinos se desenvolvem em ambiente aquático, até sofrerem a metamorfose em pequenas pererecas.

Habitat. Formações abertas no Cerrado, Pantanal e Mata Atlântica. Geralmente, é encontrada em pastagens, campos abertos, brejos e lagoas rasas, permanentes e temporárias. É tolerante a ambientes degradados.

Conservação. Não se encontra ameaçada de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ampla distribuição. Ocorre nas regiões sudoeste e sudeste do Brasil, nos estados de Goiás, Minas Gerais e São Paulo.

Sapo- verruca.

*Odontophrynus
cultripes*
Reinhardt and
Lütken, 1862.

Ordem.

Anura

Família.

Odontophrynidae

‡ Predadores.

Aves, serpentes,
mamíferos de
pequeno e médio
porte e grandes
invertebrados.



Foto: Hans Thomassen

Características físicas. Robusto, de tamanho moderado. Atinge aproximadamente 7 centímetros de comprimento. O corpo tem formato globular, e o focinho é arredondado. A coloração dorsal do corpo varia do cinza ao marrom-avermelhado. Possui uma faixa dorsolateral mais clara (bege, alaranjada) em cada lado do corpo. Barras verticais no lábio superior. Olhos dourado-alaranjados. Dedos sem discos adesivos desenvolvidos. As membranas interdigitais estão ausentes nas mãos e nos pés. Possui um tubérculo em forma de pá na base do primeiro dedo das mãos e dos pés. A pele é seca e verrucosa. Possui glândulas de veneno paratoides (atrás dos tímpanos) e glândulas paracnêmis (posicionadas nas tíbias).

Alimentação. A dieta da espécie adulta constitui-se, predominantemente, de invertebrados.

Biologia e comportamento social. Hábitos terrestres e noturnos. Durante os meses mais secos e frios do ano, abriga-se em locais úmidos, como buracos e debaixo de troncos, onde aguarda os meses mais quentes e úmidos para voltar a reproduzir.

Reprodução. O período de reprodução se inicia com as primeiras chuvas e ocorre durante os primeiros meses da estação chuvosa. A reprodução geralmente é explosiva. Em períodos de chuvas fortes, os machos cantam em coro para atrair as fêmeas. A espécie deposita uma massa gelatinosa com ovos na lama no fundo de poças, açudes, brejos, entre outros locais. Os girinos se desenvolvem em ambiente aquático, até sofrerem a metamorfose em pequenos sapos.

Habitat. De serapilheira, é associado a ambientes florestais e áreas de transição entre ambientes abertos e florestais, próximo a áreas úmidas, como córregos, brejos, poças temporárias e permanentes. Ocorre nos biomas Cerrado e Mata Atlântica, acima de 500 metros de altitude.

Conservação. Não se encontra ameaçado de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Sudeste e sudoeste, no Distrito Federal e nos estados de Goiás, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

Perereca-verde.

Pithecopus azureus
(Cope, 1862).

Ordem.

Anura

Família.

Phyllomedusidae

A espécie possui coloração aposemática (coloração de advertência). Seu dorso verde e os flancos e as coxas laranja avisam potenciais predadores sobre um possível gosto ruim ou veneno presente na pele desse anuro e, assim, o protegem dos predadores.

‡ Predadores.

Aves, serpentes, mamíferos de pequeno e médio porte e grandes invertebrados.



Foto: Carla da Silva Guimarães

Características físicas. Esguia, de tamanho pequeno a moderado. Atinge aproximadamente 4 centímetros de comprimento. Tem focinho truncado. A coloração dorsal do corpo é verde-folha. Os flancos e as partes internas dos braços e das pernas são vermelhos ou laranja, cobertos por barras transversais pretas distribuídas irregularmente. Os lábios são brancos, e os olhos têm fundo acinzentado com reticulações pretas e pupila vertical. O primeiro dedo do pé é oponível, característica da família. Os dedos têm discos adesivos pouco desenvolvidos. Membranas interdigitais estão ausentes nas mãos e nos pés. Os machos possuem um calo nupcial debaixo do primeiro dedo das mãos. A pele é lisa e úmida. As glândulas de veneno paratoides (atrás dos tímpanos) são levemente desenvolvidas.

Alimentação. A dieta da espécie adulta é generalista e constitui-se, predominantemente, de invertebrados como grilos e aranhas.

Biologia e comportamento social. Arborícola, de hábitos noturnos. É encontrada em dias chuvosos durante os meses quentes e úmidos do ano. Durante os meses frios e secos, é comum se abrigar em locais protegidos, próximo à umidade.

Reprodução. O período de reprodução ocorre durante toda a estação chuvosa do ano. Os machos vocalizam em pé na vegetação densa, à beira de lagoas rasas, semipermanentes ou temporárias, com vegetação densa ao redor. A espécie deposita seus ovos em “ninhos”, feitos com folhas, em plantas herbáceas que pairam sobre a água. Os embriões iniciam o seu desenvolvimento no “ninho” pendurado e, quando atingem o tamanho adequado de girinos, “pingam” para dentro da água, onde terminam seu desenvolvimento em meio aquático até se tornarem pequenas pererecas.

Habitat. Margens de brejos, lagoas, córregos e outros ambientes de água lânticos com vegetação densa, geralmente em áreas próximo a fragmentos florestais. É encontrada nos biomas Cerrado e Pantanal.

Conservação. Dados Deficientes (DD), conforme a lista de animais ameaçados da IUCN. Isso significa que não há informações suficientes sobre a espécie para determinar seu estado de ameaça. Entretanto, de acordo com os dados do *Livro Vermelho da Fauna Brasileira*, a espécie não é considerada ameaçada de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ampla distribuição. Ocorre na região Sudeste e no sudoeste brasileiro, no Distrito Federal e nos estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo e Tocantins.

Répteis

Squamata

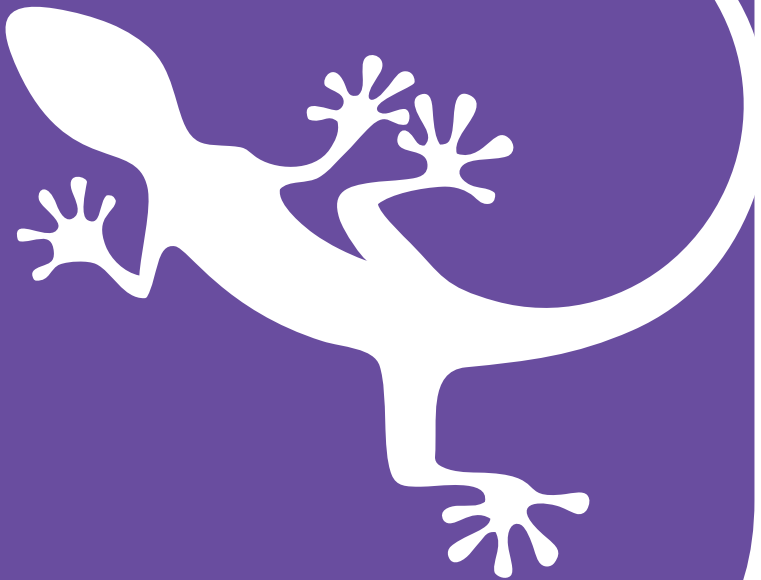
Boidae

Viperidae

Gymnophthalmidae

Mabuyidae

Teiidae



Jiboia-arco- íris-do- cerrado.

Epicrates crassus
Cope, 1862.

Ordem.
Squamata
Família.
Boidae

O nome popular é devido ao reflexo colorido que as escamas produzem quando expostas ao sol.

‡ **Predadores.**
Aves e mamíferos de médio e grande porte.



Foto: Rafael Meneguetti

Características físicas. Não peçonhenta e de dentição áglifa (sem dentes inoculadores de veneno). Pode atingir aproximadamente 2 metros de comprimento. Fossetas labiais presentes. Coloração geral marrom-avermelhada. O corpo é coberto por manchas ou ocelos dorsolaterais de cor bege e manchas ou ocelos laterais de cor marrom-escura, geralmente contornados por uma linha de cor mais clara. Pode apresentar uma faixa lateral irregular de coloração clara ao longo de todo o corpo. Tem uma listra nas laterais da cabeça e três listras na região dorsal da cabeça. Número de escamas subcaudais menor que 45, e ventrais, menor que 245.

Alimentação. A dieta consiste, predominantemente, em pequenos mamíferos e aves. É constritora, ou seja, subjuga as presas enrolando-se nelas e sufocando-as.

Biologia e comportamento social. Hábitos terrestres e noturnos.

Reprodução. Vivípara.

Habitat. Ambientes abertos, em áreas de cerrado e de transição.

Conservação. Não se encontra ameaçada de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ampla distribuição. Ocorre nos estados da Bahia, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Rio Grande do Sul, São Paulo, Tocantins e Rondônia.

Caiçaca.

Bothrops moojeni
Hoge, 1966.

Ordem.
Squamata
Família.
Viperidae

‡ **Predadores.**
Aves.



Foto: Hans Thomassen

Características físicas. Peçonhenta, de dentição proteróglifa (dentes inoculadores de veneno com sulco externo, posicionados na região anterior da boca). Pode atingir aproximadamente 1,8 metro de comprimento. Cabeça distintamente triangular. Fosseta loreal presente. A coloração geral varia do marrom-amarelado ao marrom-acinzentado. A região dorsolateral do corpo é demarcada por triângulos de cor preto-amarronzada; geralmente, a linha externa do triângulo é interrompida, com o centro mais claro que as bordas e uma linha clara em seu entorno.

Alimentação. A dieta é generalista e inclui pequenos mamíferos, aves, lagartos, serpentes, anfíbios e até invertebrados como centopeias. Subjuga suas presas por meio da inoculação de veneno.

Biologia e comportamento social. Hábitos terrestres e noturnos. A espécie jovem tem hábitos semiarborícolas.

Reprodução. Vivípara.

Habitat. Ambientes ripários, no bioma Cerrado.

Conservação. Não se encontra ameaçada de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Regiões Centro-Oeste e Sudeste.

Cascavel.

Crotalus durissus
Linnaeus, 1758.

Ordem.
Squamata
Família.
Viperidae

Por se adaptar ao uso de áreas desmatadas para abertura de pastos e plantações, é uma das espécies com o maior número de acidentes ôdicos graves no Brasil.

‡ **Predadores.**
Aves.



Foto: Hans Thomassen

Características físicas. Peçonhenta, de dentição proteróglifa (dentes inoculadores de veneno com sulco externo, posicionados na região anterior da boca). Pode atingir aproximadamente 1,5 metro de comprimento. Cabeça distintamente triangular. Fosseta loreal presente. A coloração geral varia do marrom ao amarelo-pálido. A região dorsal é demarcada por marcas em forma de losango de coloração escura, delimitada por uma linha amarela, e a região central é mais clara. Os losangos também podem estar presentes na região lateral ou ventrolateral do corpo. É facilmente reconhecida por ter um chocalho na extremidade da cauda.

Alimentação. A dieta constitui-se, predominantemente, de pequenos mamíferos e, ocasionalmente, aves e répteis. Subjuga suas presas por meio da inoculação de veneno.

Biologia e comportamento social. Hábitos terrestres e noturnos.

Reprodução. Vivípara.

Habitat. Áreas abertas, como campos e pastagens, nos biomas Cerrado, Caatinga e Pantanal, e áreas abertas da Mata Atlântica e da Amazônia.

Conservação. Não se encontra ameaçada de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ampla distribuição. Tem registro em todos os estados brasileiros, exceto Acre e Espírito Santo.

Lagartinho-de-chão.

Colobosaura modesta
(Reinhardt and Lütken, 1862).

Ordem.

Squamata

Família.

Gymnophthalmidae

‡ Predadores.

Aves, serpentes, mamíferos de pequeno porte e grandes invertebrados.



Foto: Leandro de Oliveira Drummond

Características físicas. Esguia, de tamanho pequeno. Atinge aproximadamente 3,5 centímetros de comprimento. Coloração dorsal castanha. A coloração lateral varia entre preta, cinza e castanha. O dorso é liso ou possui duas linhas claras dorsolaterais. Pequenas faixas verticais no lábio superior estão presentes. A coloração ventral varia do bege ao vermelho-alaranjado. As pernas e braços possuem tamanho reduzido, característica típica da família. Cauda mais longa que o corpo.

Alimentação. A dieta constitui-se, predominantemente, de pequenos invertebrados como aranhas, baratas, cupins e larvas de insetos.

Biologia e comportamento social. Hábitos terrestres e diurnos.

Reprodução. Ovíparo.

Habitat. De serapilheira, é encontrado nos biomas Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica.

Conservação. Não se encontra ameaçado de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ampla distribuição. Ocorre no Distrito Federal e nos estados da Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, São Paulo e Tocantins.

Lagarto-de-vidro.

Notomabuya frenata
(Cope, 1862).

Ordem.

Squamata

Família.

Mabuyidae

‡ Predadores.

Aves, serpentes, mamíferos de pequeno porte e grandes invertebrados.



Foto: Hans Thomassen

Características físicas. Esguio, de tamanho moderado. Atinge aproximadamente 9 centímetros de comprimento. Coloração dorsal dourada ou dourado-acastanhada e coloração lateral preto-amarronzada. Tem as escamas frontoparietais fundidas e, geralmente, quatro escamas supraoculares. As pernas e os braços são de tamanho reduzido, característica típica da família. Cauda mais curta que o corpo.

Alimentação. A dieta constitui-se, predominantemente, de pequenos invertebrados como formigas, cupins e grilos.

Biologia e comportamento social. Hábitos terrestres e diurnos.

Reprodução. Vivíparo.

Habitat. Áreas abertas. Pode ser encontrado na Caatinga, Cerrado, Pantanal, Chaco, Pampas, Mata Atlântica e Amazônia.

Conservação. Não se encontra ameaçado de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ampla distribuição. Ocorre no Distrito Federal e nos estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Maranhão, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rondônia, São Paulo, Tocantins e Rio Grande do Sul.

Calango-verde.

Ameiva ameiva
(Linnaeus, 1758).

Ordem.
Squamata
Família.
Teiidae

‡ **Predadores.**
Aves, serpentes
e mamíferos de
médio porte.



Foto: E. M. R. P. R. P. R.

Características físicas. Robusto, de tamanho moderado a grande. Atinge aproximadamente 17 centímetros de comprimento. Cabeça “triangular”. A coloração dorsal é muito variável, mas geralmente possui a cabeça de cor acinzentada ou esverdeada, e a região dorsal do corpo, verde. A lateral pode variar do preto-acinzentado ao verde. Pernas e flancos dos machos ficam de coloração azulada durante o período reprodutivo. Possui uma linha dorsolateral clara que se inicia na cabeça e gradativamente se apaga na região mediana do corpo. Pequenas reticulações negras e ocelos brancos podem estar presentes em diferentes densidades na cabeça, nos flancos e em toda a região dorsal do corpo. Braços e pernas são bem desenvolvidos, e a cauda é ligeiramente maior que o corpo.

Alimentação. A dieta é generalista e consiste, predominantemente, em invertebrados, como aranhas, baratas, cupins e grilos. Ocasionalmente, pode incluir pequenos vertebrados.

Biologia e comportamento social. Hábitos terrestres e diurnos.

Reprodução. Ovíparo.

Habitat. Ambientes variados. Geralmente, associa-se a áreas abertas em ambientes áridos, mas também pode ser encontrado em florestas semidecíduas, bordas de florestas e áreas abertas dentro de florestas tropicais. É tolerante a ambientes antropizados.

Conservação. Não se encontra ameaçado de extinção.

Distribuição geográfica no Brasil. Ampla distribuição. Ocorre em toda a região Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e no norte do estado do Paraná.

Referências Bibliográficas

Almeida-Santos, S. M., Barros, V. A., Rojas, C. A., Sueiro, L. R. and Nomura, R. H. C. Reproductive biology of the Brazilian lancehead, *Bothrops moojeni* (Serpentes, Viperidae), from the state of Sao Paulo, Southeastern Brazil. South American Journal of Herpetology, 12(2), pp. 174-181. 2017.

Andrade, E. B., Guimarães, R., Leite Jr., J. M. A. and Leite, J. R. S. Amphibia, Anura, Leptodactylidae, *Leptodactylus sypfax* Bokermann, 1969: Distribution extension and geographic distribution map. Checklist, 7(5), pp. 592-593. 2016.

Andreani, T. L., Borges, R. E. and De Souza Santos, L. R. *Leptodactylus mystaceus* (Spix, 1824): Distribution extension for the Brazilian Cerrado (Anura: Leptodactylidae). Herpetology Notes, 10, pp. 435-437. 2017.

Brasileiro, C. A. and Martins, M. Breeding biology of *Physalaemus centralis* Bokermann, (Anura: Leptodactylidae) in southeastern Brazil. Journal of Natural History, 40(17-18), pp. 1199-1209. 2006.

Bernarde, P. S. Anfíbios e Répteis – Introdução ao estudo da Herpetofauna Brasileira. Curitiba, Anolisbooks. 320 p. 2012.

Brandão, R. A. Monitoramento das populações de lagartos no aproveitamento hidrelétrico de Serra da Mesa, Minaçu, GO. [s.l.] Universidade de Brasília, 2002.

Camera, B., Krinski, D. and Calvo, I. Diet of the Neotropical frog *Leptodactylus mystaceus* (Anura: Leptodactylidae). Herpetology Notes, 7(0), pp. 31-36. 2014.

Caramaschi, U. and Napoli, M. F. Taxonomic revision of the *Odontophrynus cultripes* species group, with description of a new related species (Anura, Cycloramphidae). Zootaxa, 3155(3155), pp. 1-20. 2012.

Colli, G. R. Reproductive ecology of *Ameiva ameiva* (Sauria, Teiidae) in the Cerrado of Central Brazil. Copeia, pp. 1002-1012. 1991.

Colli, G. R.; Bastos, R. P.; Araújo, A. F. B. The character and dynamics of the Cerrado herpetofauna. In: Oliveira, P. S.; Marquis, R. J. (Eds.). The Cerrados of Brazil: Ecology and Natural History of a Neotropical Savanna. New York: Columbia University Press, pp. 223-241. 2002.

Costa, H. C. and Bérnills, R. S. Répteis do Brasil e suas Unidades Federativas: Lista de espécies. Herpetologia Brasileira, 7(1), pp. 11-57. 2018.

Cruz, C. A. G.; Feio, R. N. & Caramaschi, U. Anfíbios do Ibitipoca. Belo Horizonte: Bicho do Mato, pp. 1-132. 2009.

Cushman, S. A. Effects of habitat loss and fragmentation on amphibians: a review and prospectus. Biological Conservation, v. 128, n. 2, pp. 231-240. 2006.

Da Silva, W. R. and Giaretta, A. A. On the natural history of *Leptodactylus sypfax* with comments on the evolution of reproductive features in the *L. pentadactylus* species group (Anura: Leptodactylidae). Journal of Natural History, 43(3-4), pp. 191-203. 2009.

- De Araújo, F. R. R. C., Bocchiglieri, A. and Holmes, R. M. Ecological aspects of the *Hypsiboas albopunctatus* (Anura: Hylidae) in Central Brazil. *Neotropical Biology and Conservation*, 2(3), pp. 165-168. 2007.
- De Assis Gurgel, G.; De Freitas Horta; G.; Alves, V.; Ferreira, E. B. D. A.; Filho, S. S. Q.; and Faria, R. G. Diet of *Barycholos ternetzi* (Miranda-Ribeiro, 1937) (Anura: Craugastoridae) in the Cerrado, Brazil Central. 2019.
- De Azevedo Calderon, L., Messias, M. R., Serrano, R. P., Zaqueo, K. D., De Souza, E. S., Nienow, S. D. S., Cardozo-Filho, J. D. L., Diniz-Sousa, R., Delaix-Zaqueo, K. and Stabeli, R. G. Amphibia, Anura, Hylidae, Phyllomedusinae, *Phyllomedusa azurea*: distribution extension and geographic distribution map. *Checklist*, 5(2), pp. 317-319. 2009.
- De-Carvalho, Crizanto Brito et al. História natural de *Leptodactylus mystacinus* e *Leptodactylus fuscus* (Anura: Leptodactylidae) no Cerrado do Brasil Central. *Biota Neotrop.*, Campinas, v. 8, n. 3, Sept. 2008. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-06032008000300010&lng=en&nrm=iso. Access on 14 Oct. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1676-06032008000300010>.
- De Carvalho Batista, R., De-Carvalho, C. B., De Freitas, E. B., Franco, S. D. C., Batista, C. D. C., Coelho, W. A. and Faria, R. G. Diet of *Rhinella schneideri* (Werner, 1894) (Anura: Bufonidae) in the Cerrado, Central Brazil. *Herpetology Notes*, 4, pp. 17-21. 2011.
- De Carvalho, V. T., De Fraga, R., Da Silva, A. L. F. and Vogt, R. C. Introduction of *Leptodactylus labyrinthicus* (Spix, 1824) (Anura: Leptodactylidae) in central Amazonia, Brazil. *Checklist*, 9(4), pp. 849-850. 2014.
- De Oliveira, R. M., Schilling, A. C. and Solé, M. Trophic ecology of two *Pithecopus species* (Anura: Phyllomedusidae) living in syntopy in southern Bahia, Brazil. *Studies on neotropical fauna and environment*, 54(1), pp. 10-21. 2019.
- De Oliveira Araujo, C., Condez, T. H. and Haddad, C. F. Amphibia, Anura, *Barycholos ternetzi*, *Chaunus rubescens*, and *Scinax canastrensis*: distribution extension, new state record. *Checklist*, 3(2). 2007.
- De Paiva Affonso, I., Delariva, R. L. and Navarro, M. P. Amphibia, Anura, Leptodactylidae, *Leptodactylus mystaceus* (Spix, 1824): distribution extension. *Checklist*, 7(2), pp. 198-199. 2016.
- De Sá, R. O., Grant, T., Camargo, A., Heyer, W. R., Ponsa, M. L. and Stanley, E. Systematics of the neotropical genus *Leptodactylus fitzingeri*, 1826 (Anura: Leptodactylidae): phylogeny, the relevance of non-molecular evidence, and species accounts. *South American Journal of Herpetology*, 9(s1). 2014.
- Eterovick, P. C. et al. Amphibian declines in Brazil: an overview. *Biotropica*, v. 37, pp. 166-179, 2005.
- Freire, E. M. X., Da Silva Jorge, J. and Ribeiro, L. B. First record of *Colobosaura modesta* (Reinhardt and Lütken, 1862) (Squamata: Gymnophthalmidae) to the Cariri region, state of Ceará, Brazil, with a map of its geographical distribution. *Checklist*, 8(5), pp. 970-972. 2012.
- Freitas, Evelyn Borges de et al. Nicho ecológico e aspectos da história natural de *Phyllomedusa azurea* (Anura: Hylidae, Phyllomedusinae) no Cerrado do Brasil Central *Biota Neotrop.*, Campinas, v. 8, n. 4, Dec. 2008. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-06032008000400009&lng=en&nrm=iso. Access on 14 Oct. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1676-06032008000400009>.

- Frost, Darrel R. Amphibian Species of the World: an Online Reference. Version 6.0 (22/02/2020). Electronic Database accessible at <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.html>. American Museum of Natural History, New York, USA. 2020. doi.org/10.5531/db.vz.0001
- Furtado, R. Behavioural responses of *Hypsiboas lundii* (Anura: Hylidae) to visual and acoustic aggressive stimuli. *Herpetology Notes*, 10, pp. 659-664. 2017.
- Giaretta, A., De Andrade, F. S., Haga, I. and Carvalho, D. An acoustic evaluation of the geographical distribution of *Elachistocleis cesarii* Miranda-Ribeiro 1920 (Anura: Microhylidae). *Herpetology Notes*, 5, pp. 375-383. 2012.
- Grandinetti, L. and Jacobi, C. M. Distribuição estacional e espacial de uma taxocenose de anuros (Amphibia) em uma área antropizada em Rio Acima-MG. *Lundiana*, 6(1), pp. 21-28. 2005.
- Guimarães, T. C., de Figueiredo, G. B., Mesquita, D. O. and Vasconcellos, M. M. Ecology of *Hypsiboas albopunctatus* (Anura: Hylidae) in a Neotropical savanna. *Journal of Herpetology*, 45(2), pp. 244-250. 2011.
- Haddad, C. F. and Prado, C. P. Reproductive modes in frogs and their unexpected diversity in the Atlantic Forest of Brazil. *BioScience*, 55(3), pp. 207-217. 2005.
- Haddad, C. F. B. Biodiversidade dos anfíbios no estado de São Paulo. In *Biodiversidade do estado de São Paulo, Brasil: síntese do conhecimento ao final do século XX* (R. M. C. Castro, ed.). Editora Fapesp, São Paulo, pp. 17-26. 1998.
- Hoyos, M. A. and Almeida-Santos, S. M. The South-American rattlesnake *Crotalus durissus*: feeding ecology in the central region of Brazil. *Biota Neotropica*, 16(3). 2016.
- Izecksohn, E.; Silva, S. P. Anfíbios do Município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 148 p. 2001.
- Leite, J. C. M.; Bérnils, V. & Morato, S. A. A. Método para a caracterização da herpetofauna em estudos ambientais. *Maia*, 3985. 2ª edição, pp. 1-5. 1993.
- Loebmann, D. A record of *Trachycephalus typhonius* (Linnaeus, 1758) preying upon *Dendropsophus soaresi* (Caramaschi & Jim, 1983) (Anura, Hylidae). *Herpetology Notes*, 6, pp. 275-276. 2013.
- Loebmann, D., Giovanelli, J. G. R., Mai, A. C. G., Lyra, M. L., Brasileiro, C. A. and Haddad, C. F. B. Ecological niche modeling and new distribution records of the central dwarf frog *P. centralis* Bokermann, 1962 (Anura, Leptodactylidae, Leiuperinae) with comments on its taxonomic status. *Tropical Zoology*, 30(2), pp. 49-67. 2017.
- Lourenço-de-Moraes, R. Necrophilia in *Physalaemus nattereri* (Steindachner, 1863) (Anura: Leptodactylidae). *Herpetology Notes*, 12, pp. 473-474. 2019.
- Lucas, E. M., Fortes, V. B. and Garcia, P. C. Amphibia, Anura, Hylidae, *Phyllomedusa azurea* Cope, 1862: Distribution extension to southern Brazil. *Checklist*, 6(1), pp. 164-166. 2010.
- Mayer, T. B., Caracterização do processo reprodutivo e alimentar do anfíbio *Dendropsophus minutus*. Dissertação de mestrado disponível em: acervodigital.ufpr.br. 2014.
- Marques-Pinto, T., Barreto-Lima, A. F. and Brandão, R. A. Dietary resource use by an assemblage of terrestrial frogs from the Brazilian Cerrado. *North-Western Journal of Zoology*, 15(2), pp. 135-146. 2006.

- Matavelli, R., Campos, A. M. and De Andrade, G. V. First record of *Hypsiboas geographicus* (Spix, 1824) (Hylidae) and *Physalaemus centralis* Bokermann, 1962 (Leptodactylidae) for coastal ecosystems in the state of Maranhão, Brazil. Checklist, 10(3), pp. 702-705. 2014.
- Mazzarelli, C. C. M. Biologia reprodutiva de *Hypsiboas lundii* (Anura, Hylidae) em um fragmento de Cerrado no sudoeste de Minas Gerais, 2015.
- Menin, M., Santos, R. S., Borges, R. E. and Piatti, L. Notes on the diet of seven terrestrial frogs in three agroecosystems and forest remnants in Northwestern São Paulo State, Brazil. Herpetology Notes, 8, pp. 401-405. 2015.
- Moura, M. R., Godinho, L. B. and Feio, R. N. *Bothrops moojeni* (Squamata, Viperidae) predation on *Hypsiboas crepitans* (Anura: Hylidae) in southeastern Brazil. Herpetology Notes, 5, pp. 247-248. 2012.
- Nascimento, L. B., Caramaschi, U. L. I. S. S. E. S. and Cruz, C. G. Taxonomic review of the species groups of the genus *Physalaemus fitzingeri*, 1826 with revalidation of the genera *Engystomops Jiménez-de-la-Espada*, 1872 and *Eupemphix Steindachner*, 1863 (Amphibia, Anura, Leptodactylidae). Arquivos do Museu Nacional, 63(2), pp. 297-320. 2005.
- Nogueira, C., Sawaya, R. J. and Martins, M. Ecology of the pitviper, *Bothrops moojeni*, in the Brazilian Cerrado. Journal of Herpetology, 37(4), pp. 653-659. 2003.
- Nogueira, C.; Valdujo, P. H.; França, F. G. R. Habitat variation and lizard diversity in a Cerrado area of Central Brazil. Studies on Neotropical Fauna and Environment, v. 40, n. 2, pp. 105-112, ago. 2005.
- Nogueira, C. De C.; Colli, G.R.; Martins, M. Local richness and distribution of the lizard fauna in natural habitat mosaics of the Brazilian Cerrado. Austral Ecology, v. 34, pp. 83-96. 2009.
- Nogueira, C. De C.; Colli, G. R.; Costa, G. Diversidade de répteis Squamata e evolução do conhecimento faunístico no Cerrado. In: Cerrado: Conhecimento Científico Quantitativo como Subsídio para Ações de Conservação, pp. 329-372. 2010.
- Nogueira, C. De C. et al. Vicariance and endemism in a Neotropical savanna hotspot: distribution patterns of Cerrado squamate reptiles. Journal of Biogeography, pp. 2-16. 2011.
- Oda, F. H. and Landgraf, G. O. An unusual case of scavenging behavior in *Rhinella schneideri* in the upper Paraná River basin, Brazil. Journal of Herpetology, 2, pp. 166-169. 2012.
- Oliveira, S. V., De Oliveira Trindade, A., Pazinato, D., Ribeiro, L. and Cappellari, L. H., Registro de *Trichodactylus panoplus* (Crustacea, Decapoda) na dieta de *Leptodactylus ocellatus* (Anura, Leptodactylidae), no sul do Brasil. Biodiversidade Pampeana, Rio Grande do Sul: 7(1), pp. 44-46. fev. 2009.
- Oliveira Filho, J. C. D. and Giaretta, A. A. Reproductive behavior of *Leptodactylus mystacinus* (Anura, Leptodactylidae) with notes on courtship call of other *Leptodactylus* species. Iheringia. Série Zoologia, 98(4), pp. 508-515. 2008.
- Pacheco, E. O., Mângia, S. and Santana, D. Diversity and distribution of anurans among different vegetation physiognomies in a savannah landscape in Brazil Central. Herpetology Notes, 11, pp. 255-262. 2018.
- Pacheco, E. O., Ferreira, V. G. and De Carvalho, R. M. H. Diet of *Boana albopunctata* (Anura: Hylidae) in an Atlantic Forest fragment of southeastern Brazil. Phyllomedusa: Journal of Herpetology, 16(1), pp. 57-62. 2017.

Pazinato, D. M. M., De Oliveira Trindade, A., De Oliveira, S. V. and Capellarri, L. H. Dieta de *Leptodactylus latrans* (Steffen, 1815) na Serra do Sudeste, Rio Grande do Sul, Brasil. *Biotemas*, 24(4), pp. 147-151. 2011.

Pinto, K. C., Dos Santos Cruz, L. S., de Ávila Batista, G., De Lima Pereira, K. D. and Penhacek, M. Geographic distribution extension of *Notomabuya frenata* (Cope, 1862): First record for the State of Maranhão, Brazil. *Herpetology Notes*, 10, pp. 319-321. 2017.

Prado, C., Uetanabaro, M. and Haddad, C. Breeding activity patterns, reproductive modes, and habitat use by anurans (Amphibia) in a seasonal environment in the Pantanal, Brazil. *Amphibia-Reptilia*, 26(2), pp. 211-221. 2005.

Prado, C. and Haddad, C. F. Size-fecundity relationships and reproductive investment in female frogs in the Pantanal, South-Western Brazil. *The Herpetological Journal*, 15(3), pp. 181-189. 2005.

Prado, V., Tognolo, T., Borges, R., Da Silva, F. and Rossa-Feres, D. Amphibia, Anura, Hylidae, *Phyllomedusa azurea*: distribution extension [with erratum]. *Checklist*, 4, p. 55. 2008.

Prado, C. P., Haddad, C. F. and Zamudio, K. R. Cryptic lineages and Pleistocene population expansion in a Brazilian Cerrado frog. *Molecular ecology*, 21(4), pp. 921-941. 2012.

Rocha, C. F. D. Body size, female reproduction and sexual dimorphism in the lizard *Ameiva ameiva* (Teiidae) in a restinga of southeastern Brazil. *Revista Brasileira de Zoologia*, 25(2), pp. 370-372. 2008.

Rodrigues, D. D. J., Uetanabaro, M. and Lopes, F. S. Reproductive strategies of *Physalaemus nattereri* (Steindachner, 1863) and *P. albonotatus* (Steindachner, 1864) at Serra da Bodoquena, State of Mato Grosso do Sul, Brazil. *Revista Española de Herpetología*, 18, pp. 63-73. 2004.

Rodrigues, D. J., Uetanabaro, M. and Lopes, F. S. Reproductive patterns of *Trachycephalus venulosus* (Laurenti, 1768) and *Scinax fuscovarius* (Lutz, 1925) from the Cerrado, central Brazil. *Journal of Natural History*, 39(35), pp. 3217-3226. 2005.

Santorio, G. R. C. C. Mudanças temporais, após 13 anos de insularização, em comunidades de lagartos (Squamata) em ilhas formadas por um grande reservatório no Brasil central. [s.l.] Universidade de Brasília, 2012.

Santorio, G. R. C. C.; Brandão, R. A. Reproductive modes, habitat use, and richness of anurans from Chapada dos Veadeiros, central Brazil. *North-Western Journal of Zoology*, v. 10, n. 2, pp. 365-373. 2014.

Sawaya, R. J.; Marques, O. A. V.; Martins, M. Composition and natural history of a Cerrado snake assemblage at Itrapina, São Paulo State, southeastern Brazil. *Biota Neotropica*. v. 8, pp. 129-151. 2008.

Santos, L. R. D. S. Ciclo reprodutivo de machos de *Dendropsophus minutus* (Anura, Hylidae). Dissertação de mestrado disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/87598>. 2006.

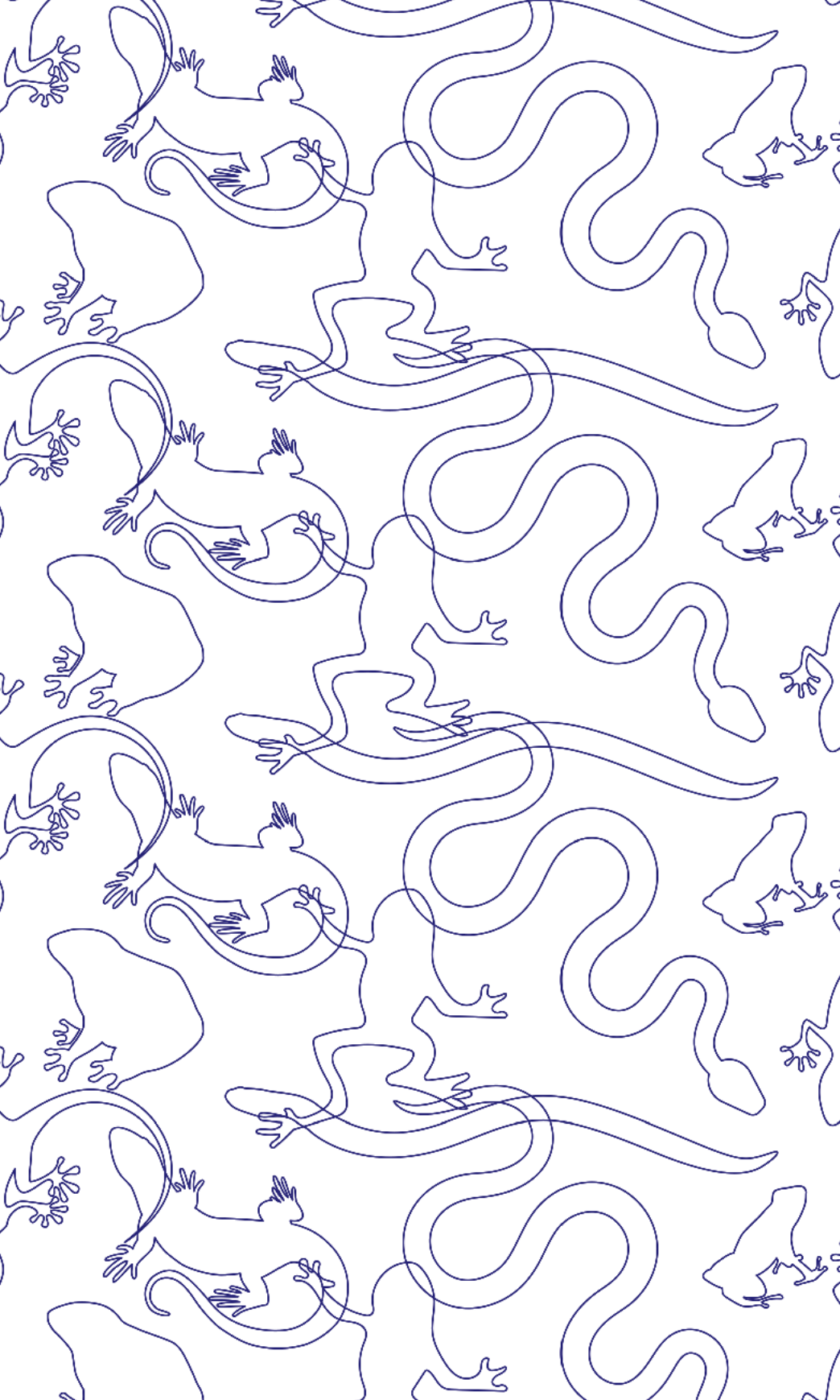
Sartorius, S. S., Vitt, L. J. and Colli, G. R. Use of naturally and anthropogenically disturbed habitats in Amazonian rainforest by the teiid lizard *Ameiva ameiva*. *Biological Conservation*, 90(2), pp. 91-101. 1999.

Segalla, M. V., Caramaschi, U., Cruz, C. A. G., Garcia, P. C. A., Haddas, C. F. B., Santana, D. J., Toledo, L. F., Langone, J. A. Lista de espécies brasileiras: Brazilian Amphibians: List of Species. In: *Revista Eletrônica Herpetologia Brasileira*, v. 8, n° 1, 65 p. Rio Grande do Sul, Brasil, 2019.

- Segalla, M. V. et. al. Brazilian amphibians: list of species. *Herpetologia Brasileira*, n° 2, v. 3, pp. 37-48. 2014.
- Silva, E. G. C., Delariva, R. L. and De Paiva Affonso, I. Distribuição Espaço-Temporal de *Scinax fuscovarius* (Lutz, 1925) (Anura, Hylidae) em Maringá-PR, Brasil. *Revista em Agronegócio e Meio Ambiente*, 2(3), pp. 431-445. 2009.
- Silva, W. R., Giaretta, A. A. and Facure, K. G. On the natural history of the South American pepper frog, *Leptodactylus labyrinthicus* (Spix, 1824) (Anura: Leptodactylidae). *Journal of Natural History*, 39(7), pp. 555-566. 2005.
- Silva, P. L. D. A. Bioacústica de *Barycholos ternetzi* (Miranda-Ribeiro, 1937) no Brasil Central. 2010.
- Soares, M., Iop, S. and Santos, T. Expansion of the geographical distribution of *Trachycephalus typhonius* (Linnaeus, 1758) (Anura: Hylidae): First record for the state of Rio Grande do Sul, Brazil. *Checklist*, 8, p. 817. 2012.
- Soares, A. C. Comportamento alimentar da serpente *Epicrates crassus* Cope, 1862: influência da visão. 2017. Monografia disponível em: repositorio.ufu.br.
- Toledo, L. F., Castanho, L. M. and Haddad, C. F. Recognition and distribution of *Leptodactylus mystaceus* (Anura: Leptodactylidae) in the state of São Paulo, southeastern Brazil. *Biota Neotropica*, 5(1), pp. 57-62. 2005.
- Toledo, L. F., Loebmann, D. and Haddad, C. F. Revalidation and redescription of *Elachistocleis cesarii* (Miranda-Ribeiro, 1920) (Anura: Microhylidae). *Zootaxa*, 2418(1), pp. 50-60. 2010.
- Torelli, A. T., Eisemberg, A. C., Brassalotti, R., A., Bertoluci, J. *Colobosaura modesta* (Bahia Colobosaura). *Diet. Herpetological review*, 48. pp. 641-642. 2017.
- Uetz, P., Freed, P. & Hošek, J. (eds.) 2020. The Reptile Database, <http://www.reptile-database.org>. Acesso em: 22 fev. 2020.
- Vasconcelos, T. S., Da Silva, F. R., Dos Santos, T. G., Prado, V. H. and Provete, D. B. *Biogeographic Patterns of South American Anurans*. Springer. 2019.
- Vaz-Silva, W., Silva, H. L. R., Silva Jr., N. J. *Phrynohyas venulosa* diet. *Herpetological Review* 35: 160. 2004.
- Wells, K. D. *The Ecology and Behavior of Amphibians*. University of Chicago Press, Chicago, Illinois, 2007.
- Vitt, L. J. and Colli, G. R. Geographical ecology of a neotropical lizard: *Ameiva ameiva* (Teiidae) in Brazil. *Canadian journal of zoology*, 72(11), pp. 1986-2008. 1994.
- Vitt, L. J.; Caldwell, J. P. Ecological observations on cerrado lizards in Rondônia, Brazil. *Journal of Herpetology*, v. 27, pp. 46-52. 1993.
- Vrcibradic, D. and Rocha, C. F. D. The ecology of the skink *Mabuya frenata* in an area of rock outcrops in Southeastern Brazil. *Journal of Herpetology*, pp. 229-237. 1998.
- Vrcibradic, D. and Rocha, C. F. D. Reproductive cycle and life-history traits of the viviparous skink *Mabuya frenata* in southeastern Brazil. *Copeia*, pp. 612-619. 1998.
- Wüster, W., Thorpe, R. S., Puerto, G. and B. B. B. S. P. Systematics of the *Bothrops atrox* Complex (Reptilia: Serpentes: Viperidae) in Brazil: A Multiv Ariate Analysis. *Herpetologica*, pp. 263-271. 1996.

Zina, J. and Haddad, C. F. Reproductive activity and vocalizations of *Leptodactylus labyrinthicus* (Anura: Leptodactylidae) in southeastern Brazil. *Biota Neotropica*, 5(2), pp. 119-129. 2005.

Zina, J., Sá, F. and Prado, C. Amphibia, Anura, Hylidae, *Hypsiboas raniceps* Cope, 1862: Distribution extension. *Checklist*, 6, p. 230. 2010.





Essa obra se traduz como um importante instrumento de consulta, com o objetivo de subsidiar ações educativas, conscientizando sobre a importância da preservação do meio ambiente, por meio da identificação do grupo de répteis e anfíbios da região da Usina Hidrelétrica de Emborcação.



CEMIG